



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE - ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

VERÔNICA LOPES DOS SANTOS

GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO:
Lutas e Resistência na Preservação da Cultura Folclórica (1990-2020)

Maceió
2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237g Santos, Verônica Lopes dos.
Guerreiro São Pedro Alagoano : lutas e resistência na preservação da cultura folclórica (1990-2020) / Verônica Lopes dos Santos. – 2021.
69 f. : il.

Orientador: José Roberto Santos Lima.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 64-68.
Anexo: f. 69.

1. Folclore. 2. Guerreiro (Auto popular). 3. Resistência cultural - Alagoas. I.
Título.

CDU: 398(813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
"GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: LUTAS E RESISTÊNCIAS
NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA" (1990/2020) elaborada(o) por
VERÔNICA LOPES DOS SANTOS e aprovado por
todos os membros da Banca Examinadora com nota 10,0, cumprindo as exigências
para obtenção do grau de Licenciado em História - Licenciatura Plena.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Fosé Roberto Santos Lima
Orientador (a):

Prof.(a) Oros Batista Figueiredo Junior
1º Examinador (a):

Prof.(a) Marielher Maria Vasconcelos
2º Examinador (a):

Maceió, Alagoas
17/12/2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me mostrar que não existe caminho fácil e que é preciso, primeiramente fortalecer as raízes interiores para poder lidar com toda adversidade que encontramos na nossa caminhada e que nos permite crescer e nos fortalecer.

À minha família, que é meu alicerce. Agradeço o apoio da minha mãe Maria Rosa, esposo Amaro Alexandre, filha Giselle Carolline, irmã Claudenice, sem os quais não teria construído meus valores, princípios e crenças.

Agradeço às mestras senhoras Marilena do Guerreiro São Pedro Alagoano e dona Ilza do Pastoril de Belém da Chã da Jaqueira, pela paciência e dedicação em doar seu tempo para mostrar sua arte. Sem vocês esse trabalho de pesquisa não teria sido possível realizar.

A todos os meus professores e colegas do curso de História da universidade Federal de Alagoas, que fizeram desta trajetória e que me possibilitaram construir conhecimentos teóricos-metodológicos e de trocas de experiências e aprendizado.

Ao meu professor e orientador José Roberto, por todas as orientações na elaboração deste trabalho. À professora Lídia Baumgarten por me ajudar no início da pesquisa, fornecendo fontes para a realização da pesquisa.

Aos professores que fazem parte da minha banca examinadora do TCC, orientador prof. José Roberto Santos Lima, a prof. e Diretora Geral do Arquivo Central da Ufal Maristher Moura de Vasconcelos e ao prof. Oséias Batista Figuera Júnior, que aceitaram gentilmente participarem da avaliação deste TCC. Deixo meus sinceros agradecimentos de todo coração.

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.”

(Boaventura de Souza Santos)

RESUMO

O Guerreiro é uma auto popular de caráter profano-religioso de cantores, dançadores e místicos que anunciavam a chegada do Messias e homenagear os três Reis magos a fazer uma louvação aos donos das casas, onde se sabe o folguedo também foi fruto de um grande processo de miscigenação consequentemente da colonização Europeia Portuguesa na Costa Nordestina, onde índios e negros misturam-se com o colonizador proporcionando o surgimento de várias manifestações populares do caráter de Reisado onde se incluem os próprios Bumba-meu-boi, Pastoril e o próprio Guerreiro. O folguedo Guerreiro permanece bastante vivo na sociedade alagoana contemporânea, onde mestre e mestras e demais brincantes de tais folguedos a todo custo mantêm a tradição enquanto folguedo popular em espaços de uma cultura de resistência.

Palavras-chave: Folclore. Guerreiro. Alagoas, Resistência Cultural.

ABSTRACT

O Guerreiro is a popular play of profane-religious character by singers, dancers and mystics who announced the arrival of the Messiah and paid tribute to the three wise men by praising the owners of the houses, where it is known that this revelry was also the result of a great process of miscegenation consequently of the Portuguese European colonization on the Northeast coast, where Indians and blacks mix with the colonizer, providing the emergence of several popular manifestations of Reisado character, which include the Bumba-meu-boi, Pastoril and the Guerreiro himself. The Guerreiro revelry remains very much alive in contemporary Alagoas society, where the masters and mistresses and other players of such revelry at all costs maintain the tradition as a popular revelry in spaces of a culture of resistance.

Key words: Folklore. Warrior. Alagoas, Cultural Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

Imagem 1: Ocupação Espacial do Est. de Alagoas, LIMA (1992 p.93) 11,08 cm x 15,58.....	14
Imagem 2: Ocupação Espacial do Est. de Alagoas, LIMA (1992 p.41) 14,43 cm x 15,37.....	15
Imagem 3: Engenho de Fraurs Post 1661, TENÓRIO (2016, p.31) 15,43 cm x 16,11.....	17
Imagem 4: Engenho a Roda D'água – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – Rugendas (1982, p.72) 10,91 cm x 15,93 cm.....	18
Imagem 5: Imagem Real do Municipio de Marechal Deodoro Alagoas (2019) 8,42 cm x 15,98.	21
Imagem 6: mapa da Área de Influência ou Ocupação Holandesa de Alagoas, LIMA (1998, P.35) 11,35 cm x 15,88 cm.....	21
Imagem 7: Penedo – Jacob Van Meusrs, TENÓRIO (2016, p. 132) 11,01 cm x 15,77.	24
Imagem 8: Engenho rem Ruinas - TENÓRIO (2014, p. 16) 6,43 cm x 14,69.....	26
Imagem 9: Penedo – Engenho cabeça de Porco 9,48 cm x 15,75.....	27
Imagem 10: Maragogi: Casa Grande e Capela Engenho Marrecas 6,44 cm x 15,9.....	27
Imagem 11: Imagem da Colheita de café no vale do Paraíba 9,75 cm X 15,99 cm.....	34
Imagem 12: Bumba Meu Boi. Museu Théo Brandão. Maceió, 2019. 8,15 cm x 14,82.....	40
Imagem 13: Chapeis de Guerreiro. Museu Théo Brandão. Fotografia Veronica Lopes, Maceió, 2019. 8,38 cm x 14,80 cm.	40
Imagem 14: Chapeis de Guerreiro. Museu Théo Brandão. Fotografia: Verônica Lopes, Maceió, 2019. 8,1 cm X 15,33 cm.....	41
Imagem 15: Chapeis de Guerreiro. Museu Théo Brandão Maceió 2019. 8,18 cm X 14,65 cm.	41
Imagem 16: Natal dos Folgedos, Praça Multieventos, Maceió 2019, 9,00 cm X 14,34 cm. .	52
Imagem 17: Pastoril de Belém da Chã da Jaqueira, Maceió 2019 , 9,00 cm X 14,03 cm.....	52
Imagem 18: Guerreiro São Pedro Alagoano, Maceió 2019, 7,77 cm X 12,09 cm.....	53
Imagem 19: Guerreiro São Pedro Alagoano, Maceió 2019, 8,55 cm X 11,11 cm.....	53
Imagem 20: Guerreiro São Pedro Alagoano, 9,65 cm X 12,25.....	54
Imagem 21: Rainha Marlene do Guerreiro São Pedro Alagoano 7,45 cm X 9,67 cm.	54
Imagem 22: Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió 2019, 4,42 cm X 8,14 cm.....	55
Imagem 23: Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió, 2019, 8,59 cm x 9,57 cm.....	55
Imagem 24: Ateliê e casa da senhora Marlene, Fotografia: Verônica Lopes Maceió 2019, 7,26 cm X 11,54 cm.	56
Imagem 25: Ateliê e casa da senhora Marlene, Maceió 2019, 10,37 cm X 10,41 cm.	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
I - ALAGOAS E O SEU PATRIMONIO HISTÓRICO CULTURAL	11
1.1 Questão Arqueologica em Alagoas	11
1.2 Alagoas: Primeiro Núcleo de Povoamento	14
1.3 Legados Históricos e Cultural	32
1.4 Legados Históricos Africano em Alagoas	33
II - GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA CULTURAL E RESISTÊNCIA	43
2.1 Do início aos dias atuais: aspectos históricos do Guerreiro	45
2.2 Raízes estéticas e culturais	47
2.3 O guerreiro de São Pedro Alagoano: música e dança	48
2.4 A Preservação das Tradições ou a Ressignificações dos Grupos Guerreiro	50
2.5 As contribuições de Mestres e brincantes para preservação da tradição	51
2.6 Análise da permanência das tradições e das transformações da sociedade alagoana.....	56
2.7 Proposta de como trabalhar com o Guerreiro Alagoano em sala de aula.....	57
III CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXO I – EDITAL FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL - FMAC, CONCURSO Nº 009/2019/FMAC - PREMIAÇÃO DE PROJETOS PARA RENOVAÇÃO DE FIGURINOS DE GRUPOS DE FOLGUEDOS, MACEIÓ, 2019....	68

1 INTRODUÇÃO

Alagoas é um dos Estados da Região Nordeste do Brasil com uma grande diversidade cultural e isto, possivelmente, se deve à grande miscigenação, em decorrência da colonização europeia na costa nordestina, da permanência do trabalho de escravos africanos e do povoamento indígena nativos desta região (SEYFERTH, 2002). A junção desses elementos proporcionou o surgimento de várias manifestações populares, muita delas permaneceram vivas dentro da sociedade contemporânea, com a tradição sobrevivendo à modernidade (HOBSBAWN & RANGER, 1990).

Dentro desse contexto, iniciam-se os fatos históricos que contribuem para a produção de apresentação da cultura popular que estão enraizados nas práticas e manifestações ativas de um povo na sociedade. Como manifestações ativas da cultura popular alagoana, por suas características de um sinônimo de resistência, ainda permanecem vivas, apesar das dificuldades de manter as tradições, e isso envolve todo um contexto social e econômico.

O conceito de Cultura popular na periferia tem sido visto e revisto pelos intelectuais e tem sido objeto de análises de estudos, devido a sua complexidade e seus múltiplos vieses para se chegar a um conceito definido de cultura¹.

Esse trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal levantar as seguintes problematizações: De que maneira a sociedade está buscando manter viva a manifestação da cultura e dos folguedos alagoanos, especificamente, o Guerreiro? Que influência a cultura pode ter nas gerações futuras? De que formas as políticas sociais interferem no avivamento dessas culturas?

Dessa forma, um dos maiores desafios dos mestres e brincantes dos folguedos, é manter a solidificação do grupo participante, por outro lado, o que contribui com as diminuições dos grupos desses folguedos, é a falta de continuidade do trabalho dos mestres, quando estes já não se fazem presentes para manter o grupo em atividade. Sendo assim, dona Marlene do Guerreiro São Pedro Alagoano, procurando manter a sua arte e a sua cultura.

O desenvolvimento deste trabalho encontra-se dividido em três em capítulos: no primeiro capítulo intitulado de *Alagoas e o seu patrimônio histórico cultural*, procurou sintetizar os aspectos históricos das manifestações culturais do Estado de Alagoas, as

¹ Alguns autores embasaram essa concepção de cultura popular: LINDOSO, Dirceu. **Formação da Alagoas Boreal**. Maceió: Catavento, 2000; CASCUDO, Luiz da Camara. **Civilização e Cultura**. Rio de Janeiro: Globo, 2017; BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna. Europa: 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

concepções abordadas de folclore e cultura popular. Já no segundo capítulo *Guerreiro e a sua trajetória histórica e cultural*, terá como foco a análise do folguedo Guerreiro e suas raízes culturais, fundamentado nas reflexões de autores locais como Abelardo Duarte e Theo Brandão. Por fim, no terceiro e último capítulo *A preservação das tradições ou a ressignificações dos grupos guerreiros*, terá como foco a observação do cotidiano do grupo de Guerreiro e suas lutas e resistências para manter vivo o folguedo alagoano. No decorrer do texto será debatidos considerações sobre “Folclore” e seus estudos mais significativos. Dessa forma, se levará em conta para os sentidos de cultura e suas manifestações populares dentro dos seus aspectos históricos, principalmente, regional dentro do espaço territorial alagoano.

O presente trabalho, não é apenas uma análise narrativa e factual em um determinado espaço histórico, venho aqui também problematizar de maneira sucinta, para quem serve essa cultura, quem é beneficiado com ela e qual a classe que a produz. Essas questões me parecem pertinentes para formular um discurso mais coerente com a realidade e entender em que contexto histórico está incluído.

A cultura popular para muitos, é vista como a cultura dos não letrados, em que os seus autores são sujeitos desprovidos de conhecimento intelectual, essa afirmação é algo digno de cautela em toda a sua expressão (OLIVEN, 2001). Outro fato que coloco aqui é a questão da cultura vista como algo alegórico, folclórico, no significado de ser apenas uma arte sem representatividade, sem conteúdo.

Dentro de um contexto histórico, o Guerreiro é remanescente de outro tipo de manifestação da cultura popular, o Reisado, que, da mesma forma, se originou da fusão de autos diversos, de acordo com Duarte (2010). A influência histórica, entretanto, pode ser vista na organização estrutural dos componentes e personagens deste folguedo e nas passagens dos atos na dança.

Busca-se, no entanto, com o desenvolvimento deste trabalho, tecer considerações sobre as condições de manifestações populares contemporânea dos folguedos alagoanos, evidenciando o Folguedo e suas formas de manifestações na sociedade alagoana contemporânea, enfatizando suas problemáticas e objetivando, com isso, gerar reflexões sobre a necessidade e papel da cultura e suas manifestações para a sociedade.

I - ALAGOAS E O SEU PATRIMONIO HISTÓRICO CULTURAL

Falar sobre Patrimônio Histórico e Cultural de Alagoas não é uma tarefa muito fácil em função da mesma, ter apenas 204 anos de existência histórica enquanto cidade política e administrativa autônoma, livre dos domínios de Pernambuco, através do ato jurídico assinado por D. João VI, concedendo a sua Emancipação política, Alagoas tem suas raízes históricas ligadas lá na pré-história, quando ela está testemunhada pela existência ainda de Sambaquis próximos aos seus rios ou lagoas em Coruripe, Porto de Pedras e outros locais.

Além de várias pinturas rupestres na Bica da Pedra em Marechal Deodoro, Piranhas, Xingó, Atalaia, Murici, São Luiz do Quitunde, Santana do Ipanema com a ocorrência de sítios ceramistas com de esqueletos humano ou de animais pré-histórico como as preguiças, mastodonte (elefante pré-histórico), texodante ou até o terrível tigre dente de sabre, todos estudados pela paleontologia, cuja maior parte de seus exemplares podem ser encontrados em qualquer museu de História Natural que a Universidade Federal de Alagoas tem um que funciona no prédio do antigo CCBI, na Praça da Faculdade no Bairro do Prado – Maceió/AL., aberto à visitação ao público e cujas pesquisas iniciais em Alagoas foram encabeçadas pelo Instituto Histórico (na época Arqueológico) e Geográfico de Alagoas.

Através de pesquisas feitas por João Francisco Dias Cabral; João Francisco Duarte; Nicodemos Souza Moreira Jobim; Alfredo Brandão; Jayme de Altavila, e muitos outros estudiosos mais recentemente como o material produzido pela equipe do IPHAN/AL. Com o título de “Patrimônio Arqueológico de Alagoas”, com a participação de Luana Teixeira, e outros estudiosos como Henrique Alexandre Pozzi e Jorge Luiz Lopes da Silva, que nos dão graças aos seus estudos uma noção mais completa do acervo arqueológico de Alagoas e a sua riqueza.

1.1 Questão Arqueologica em Alagoas

Apesar do Museu Arqueológico de Xingó ter feito um levantamento total da margem direita e esquerda do baixo São Francisco e a sua devida prospecção arqueológica do Estado de Alagoas e Sergipe, ainda não se sabe de todo o seu potencial arqueológico e enquanto isso o seu patrimônio arqueológico está se delapidando aos poucos por pessoas inescrupulosas ou os sítios estão semiabandonados. “Tudo que não se cuida um dia se acaba”, já diz o dito popular, isto também se aplica ao nosso Patrimônio Histórico Cultural e Arqueológico.

Quanto ao patrimônio histórico e cultural nos deixado pelos índios, ele é imenso que está testemunhado a sua importância pelos nomes dados aos nossos rios – Cururipe; Mundaú; Manguaba; Jequiá; Jaraguá; Jatiúca; Jacarecica – lagoas, bairros de municípios de Alagoas como Jundiá; Maragogi; Maribondo, Murici, Pindoba; Igaci; Cajueiro; Arapiraca; Junqueiro; Taquarana, Craíbas; Ibatiguara; Camaragibe (Matriz ou Passo) Japaratinga, Traipu; Piaçabuçu; Ipanema (Santana do), Canapi; Inhapi; Jaramataia; Pariconha são todos nomes de municípios de Alagoas, inspirados em palavras de origem tupi-guarani, além de uma série de alimentos que foram domesticados pelos nossos ancestrais indígenas (os avós dos nossos índios) e que ainda nos alimentamos até hoje deles como, por exemplo, o milho, o feijão, as batatas doce e “inglesa”, o abacaxi, o jenipapo, a goiaba, a macaxeira, o algodão, o agave, o abacate, o urucum, a pimenta-do-caribe, o amendoim, a abobora, o cacau, o fumo, a acerola, o caju, o cajá, o guaraná, a mandioca, o pequi, e outros produtos de origem americana que teriam sido domesticados por volta de 7.000 a.C. aqui na América pelos nossos ancestrais indígenas.

Essa ancestralidade indígena e a riqueza desse legado cultural se expressa não apenas através dos diversos povos que foram exterminados, não só pela doenças aqui o continente americano introduzidos pelos europeus como a varíola, o sarampo, a catapora, as doenças sexualmente transmissíveis, mais também pela escravidão ou pela invasão de suas terras que se seguem até os dias atuais. “Tomadas de assalto” pelos brancos.

As cerâmicas, redes de dormir, as flautas e demais instrumentos musicais, os arcos, as lanças, as flechas e as zarabatanas, tanto quanto as pinturas corporais, a confecção de canoas ou jangadas, o uso da cabaça ou cuias instrumentos de pesca ou caça como o puça e os covos (para pegar camarão) e a arapuca para pegar passarinho são exemplos dessa genialidade, além de um cem número de palavras hoje agregada a língua portuguesa do Brasil ou de práticas culturais usada na culinária ou na medicina popular em nosso país e em Alagoas. Também, para não esquecermos o legado deles no folclore, nas brincadeiras e danças nossas e de outros Estados e região brasileira.

Sabemos que a cultura indígena em Alagoas não se traduz a tudo isto que até agora foi falado ou escrito sobre eles, mais aqui realmente desejamos homenagear a todos os Caetés, os Potiguares, os Janduis, os Kariris, os Abacatoras, os Natus, os Maríquitos, os Pipianos, os Ramarés, os Vaivês e os Umás e demais tribos já desaparecidas do território alagoano e aos atuais que permanecem na sua luta pela sua sobrevivência e ao seu povo.

Quanto as tribos atuais nós temos as Xukuri-Kariri de Palmira dos Índios, os Tingui-Boto de Feira Grande, os Kariris-Xocas de Porto Real do Colégio, os Wassus do Cocal e aos

grupo remanescente ou insurgentes que apareceram nos últimos anos ou tempos. “No século XVI e XV foi o auge das guerras indígenas na costa brasileira”. (ALMEIDA, 2010, p. 15)

Entre as décadas de 1530 a 1560, quando os povos nativos reagiram violentamente ao incremento das escravizações forçadas para atender as necessidades da colonização mais sistemática iniciada com as capitanias hereditárias. A criação do Governo Geral veio atender a necessidade da coroa em manter a soberania sobre a colônia contra os ataques estrangeiros e principalmente em submeter os índios inimigos e integrar os aliados. ALMEIDA (2010, p. 46).

É dentro deste contexto histórico que se inicia o processo de ocupação inicial do território alagoano até então pertencente à Capitania de Pernambuco que tinha como donatário Duarte Coelho Pereira e seus familiares, que vão levar a cabo todo o processo de ocupação e expansão de hoje chamada território alagoano, seja pela implantação de seus núcleos urbanos de povoamento ou rurais instalando as primeiras vilas ou montando os primeiros engenhos de açúcar na zona da mata de Alagoas, criando gado em terra das margens dos rios, principalmente do Rio São Francisco, mais tarde denominando de Rio da Unidade Nacional ou também criando gado nas nossas caatingas do sertão da Alagoas ou plantando-se o famoso algodão para as nossas artesãs em suas “maquinas” artesanais fazer o “algodão de roca” (eu disse Roca da fiação) e até leva-lo para a Inglaterra através do nosso porto do Jaraguá, bem mais adiante, ao longo de séculos depois.

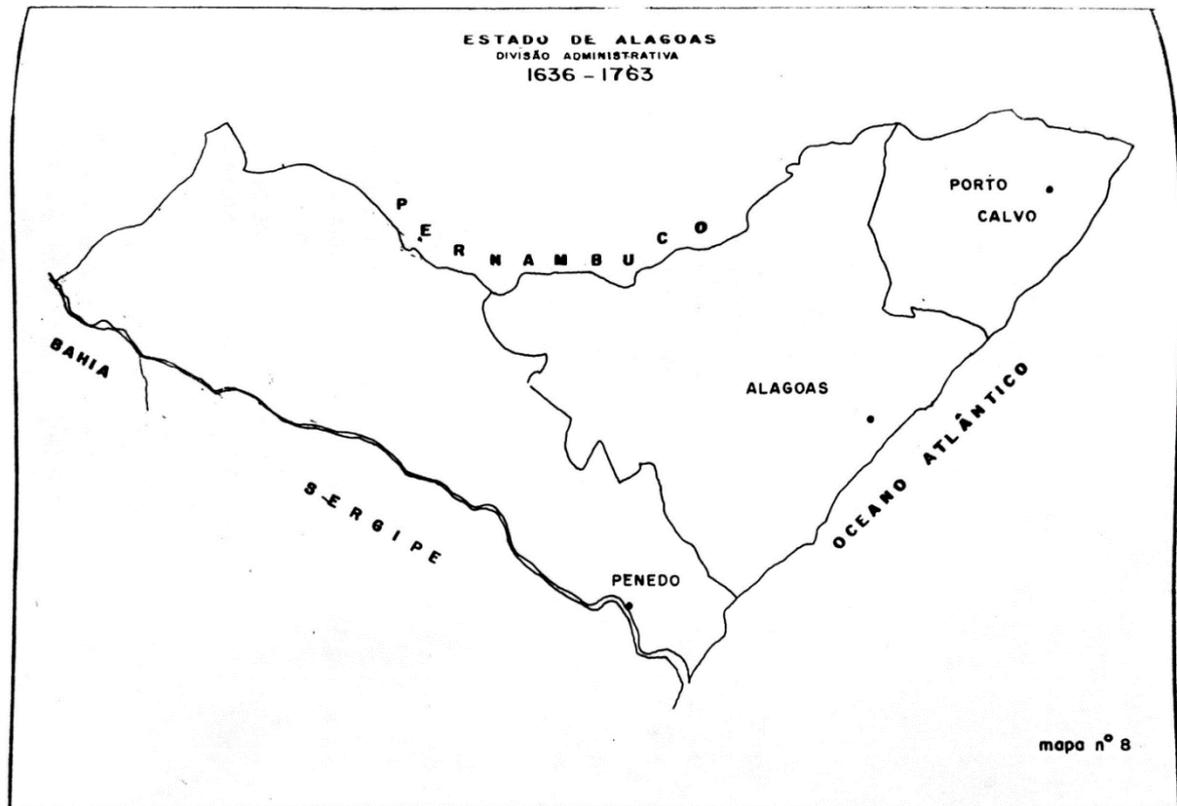
Voltando ao nosso processo de povoamento, como estávamos a falar, vejamos então; como teria nascido as Vilas de Penedo no baixo São Francisco, a Vila de Porto Calvo no Norte de Alagoas, e das Vilas lagunares banhadas pelas lagunas que o povo equivocadamente chama de Lagoa Mundaú e Manguaba que são lagoas do norte, mais conhecida como Santa Luzia do Norte e Alagoas de Sumaúma ou Alagoas do Sul, mais conhecida também como terra de Marechal Deodoro, do homem que Proclamou a República e assim por diante.

Daí para se chegar até este momento histórico, passado a fase de um relacionamento até “amistoso” com os nossos índios isto “evoluiu” para atitudes cada vez mais agressivas dos colonizadores portugueses e também dos índios pela defesa de suas terras e da não aceitação da condição da escravidão, que passaram a impor aos nossos índios, guerras quase que intermináveis.

Para “se dar” o processo de ocupação das terras alagoanas teve-se que superar ou as resistências indígenas que foram umas das mais demoradas ao longo de todo processo histórico como as guerras dos índios Janduis (impropriamente chamada de “Guerra dos Bárbaros” pelos portugueses, daí o nível de preconceito e exclusão que isto carrega em si na visão do outro colonizado) pela ocupação do sertão das Alagoas, além de ter-se que remover

ou afastar os Franceses do nosso litoral que faziam o contrabando do pau-brasil no Porto do Francês (em Marechal Deodoro) no Porto Novo e no Porto Velho dos Franceses em Jequiá da Praia e Porto de Coruripe ao longo de séculos de saques e roubos.

Imagem 1: Ocupação Espacial do Estado de Alagoas.



LIMA (1992 p.93) 11, 08 cm x 15,58.

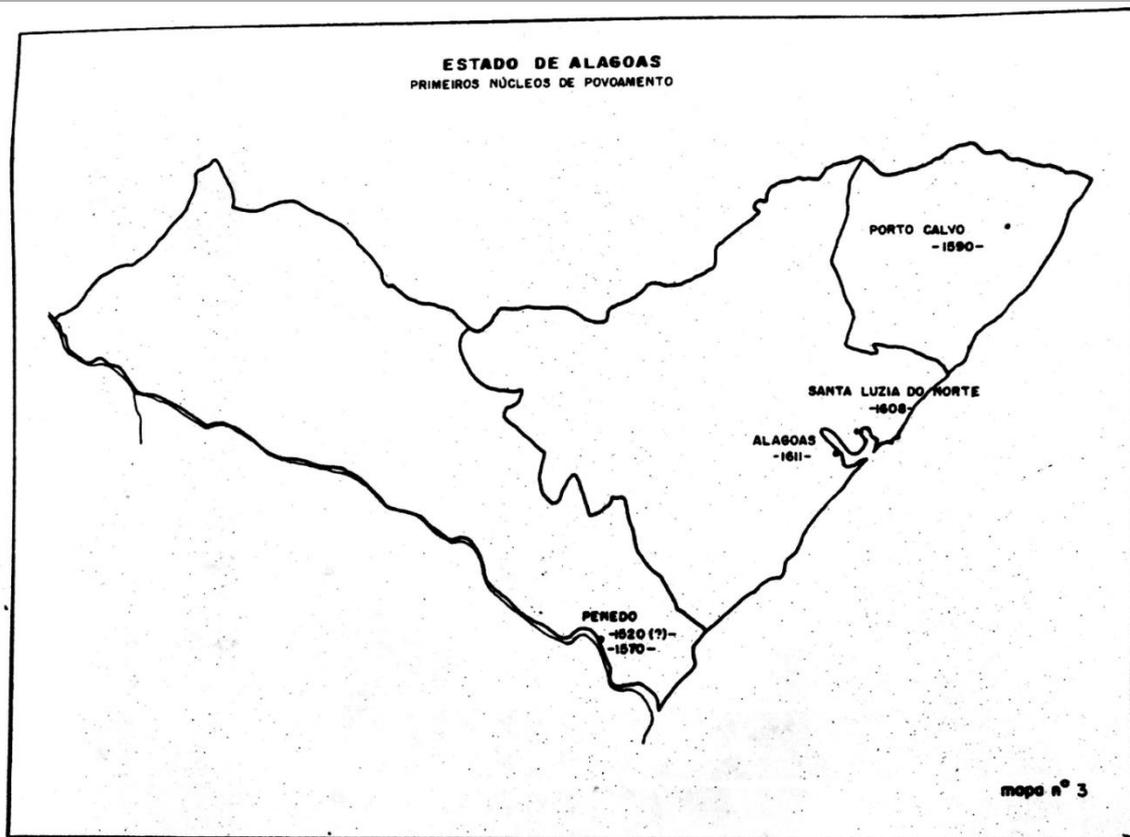
E dois outros obstáculos que se deparam os primeiros colonizadores foram à Constituição do Quilombo dos Palmares, cujo povoamento “praticamente parou” na barreira humana dos mocambos de Palmares e na invasão holandesa que estagnou um processo que estava em curso, foi interrompido ou suspenso temporariamente e com a morte do bispo D. Pero Fernandes Sardinha no litoral de Coruripe atribuiu aos Caetés que redefine as relações entre índios e colonizadores portugueses se praticando uma verdadeira carnificina contra não apenas aos Caetés, mas grande parte dos nossos índios, sentenciando-se a morte e instituindo oficialmente a Escravidão Indígena no Brasil, com apoio do papado e do Estado Português.

1.2 Alagoas: Os Primeiro Núcleos de Povoamento

Os primeiro núcleos de povoamento e sua posterior irradiação para outras áreas do território alagoano foram Penedo, Porto Calvo, Alagoas do Norte (hoje Santa Luzia do Norte) e Alagoas de Sumaúma (hoje Marechal Deodoro) cuja colonização definitiva do território só efetivou-se com a fundação de Penedo ao Sul da Capitania

à partir de 1560 quando o elemento indígena começou a “ceder lugar” ao povoamento naquela área do Baixo São Francisco e da concessão da Sesmaria a Cristóvão Lins (Litz de ascendência Alemã), a expulsão dos índios Potiguares da região norte de Alagoas e da posterior instalação de Porto Calvo do Quatro Rios e de engenhos de açúcar na região isto por volta de 1590, sendo seguido este processo de ocupação do território pela fundação das Vilas de Alagoas do Norte em 1608 e finalmente da sua última Vila de Alagoas de Sumaúma em 1611, ambas fundadas na região das lagoas Mundaú e Manguaba. LIMA (2000, pp. 2/3).

Imagem 2: Ocupação Espacial do Estado de Alagoas.



LIMA (1992 p.41) 14,43 cm x 15,37.

A denominação Penedo vem ou deriva do nome rocha ou pedra, já que esse primeiro povoado de Alagoas Colonial ter sido erguido ou levantado sobre um rochedo de grande altura que ficou como elemento mais representativo da Vila do penedo do Rio São Francisco, construindo-se uma verdadeira identidade em torno desta questão da origem e da localização geográfica excepcional que foi esse o principal elemento motivacional, uma questão geopolítica de a cidade ter sido levantada a região extremo sul da Capitania de Pernambuco para garantir os domínios de Duarte Coelho Pereira e seus descendentes sobre aquele imenso território de Olinda até Penedo.

Por volta de 1636 em plena guerra contra os holandeses Matias de Albuquerque, antes de viajar para Portugal eleva Penedo a condição de Vila não só (ela) mais também a Porto Calvo e Alagoas de Sumaúma que passou a se chamar de Penedo do Rio São Francisco que foi um ato muito importante para a história de Penedo que se consolidou enquanto Vila graças ao crescimento da navegabilidade em torno do rio São Francisco, a instalação de novas fazendas de gado na região e cada vez mais e fervente comércio na região sã Franciscana.

Penedo ao longo tempo foi construindo uma longa história cultural e patrimonial através dos seus becos, casario, barraco, igrejas centenárias, sobrados, porto, convento dos franciscanos e de outros ricos aspectos da sua vida cotidiana, quando o poeta alagoano Ledo Ivo prefaciando a obra do incansável lutador pela preservação das “coisas do Penedo”, tanto assim, que ele criou a Casa de Penedo, museu e espaço destinado a preservação do seu patrimônio histórico, chamado de Dr, Francisco Alberto Sales, que na sua obra “Arruando para o forte: Roteiro Sentimental da cidade de Penedo “2003)”, O poeta Ledo Ivo diz no prefacio desta obra:

Onde está o hotel dos viajantes, onde eu me hospedava quando ia a Penedo? Onde estão as suas janelas abertas para que eu visse as águas do rio São Francisco, fluindo alagoanamente, em busca do mar? Onde estão os surubins e as fritadas de camarão e as cervejas estupidamente geladas, que tornavam festivas os jantares mais rotineiros? Pousadas das que chegam e partem, e colocado sob o signo da viagem e da travessia, ele é agora e para sempre, pó e silêncio, vento e inexistência. Mas, na cidade que nasce e morre como todas as cidades, ainda posso alcançar, com a memória e os passos, a minha bem amada Igreja de Nossa Senhora das Correntes, onde os morcegos e ratos compartilham da solidão divina. SALES (2003, pp. 13/14).

É uma obra impressionante que resgata não só a história do Penedo, mas acima de tudo nos obriga a fazer uma viagem real e imaginária sobre o patrimônio histórico, cultural emocional daquela cidade histórica, que inclusive tombada como patrimônio histórico estadual e nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. O Convento de N. S. dos Anjos, o Teatro 7 de setembro etc. perguntando-se “onde estão s seus amigos pescadores ou navegantes com suas canoas de tolda subindo e descendo o rio diariamente, como estão suas igrejas, convento, becos, azulejos, o cheiro de peixe na feira (frito ou cru), as suas cerâmicas, praças, o bolo de grude, o pé-de-moleque ou a tapioca” etc. Isto tudo é Penedo (além de várias e outras coisas não aqui faladas, citadas ou feito referência.

Imagem 3: Porto Calvo: Frans Post 1661.



TENÓRIO (2016, p.31) 15,43 cm x 16,11.

As primeiras sesmarias concedidas para a região do baixo São Francisco datam de 1596 aproximadamente e a partir de 1613 Cristóvão da Rocha teria recebido a sua sesmaria e que teria iniciado o povoamento da região do baixo São Francisco, instalando os primeiros currais de gado na região que muito tempo depois essa região ficaria conhecida como “rio dos currais” criando uma identidade regional séculos depois (da chamada “Civilização do Couro” bem falada por Capistrano de Abreu em sua obra “Caminhos antigos e o Povoamento do Brasil”), onde o avanço do gado pelos sertões desalojando os índios de suas terras, daí a “Guerra do Jandui” ou “Guerra do Açú” como já havíamos falado anteriormente.

Quanto a Porto Calvo a segunda cidade histórica de Alagoas fundada por volta de 1590, cuja a sua historicidade está marcada profundamente pela ocorrência d determinados fatos históricos relacionados com a existência de alguns personagens históricos como Cristóvão Lins, Jorge de Albuquerque, Matias de Albuquerque, Calabar e vários outros personagens da história do Brasil Holandês, para que passamos melhor compreender o rico legado histórico e cultural que nós estamos a tratar de forma sintética, numa tentativa talvez de tentar traduzir em poucas palavras um enorme legado que cada uma desta cidades históricas (hoje municípios carregam consigo através de séculos de história, de culturas, de identidades étnicas e lutas que cada uma desta comunidades autônomas trilham enquanto municípios com vida própria.

As mais antigas referências documentais a Porto Calvo provem de uma visitação do Tribunal do Santo Oficio a Olinda por volta de 1594, quando houve uma denúncia (fundada ou infundada?) de que um Cristão Velho de nome Manuel da Costa Calheiros (senhor de engenho) e um Cristão Novo de nome Francisco Mendes deveriam prestar esclarecimento sobre “questões religiosas” a Inquisição que residiam eles no “Porto Calvo”.

Imagem 4: Engenho a Roda D'água: Rugendas.



Rugendas (1982, p.72) 10,91 cm x 15,93.

Cristóvão Lins esse personagem histórico de Porto Calvo, depois elevado à condição de alcaide-mor, depois de ter recebido a concessão de sesmaria de Duarte Coelho Pereira, de ter constituído as expedições militares de saque das terras dos índios Potiguares em aliança com Jorge de Albuquerque que expulsaram os índios da região e depois fundado o povoado (e depois Vila) de Porto Calvo e de cinco engenho banguês terem sido instalados no vale do rio Manguaba, que daí em diante teriam dado início ao povoamento português sobre a região Norte de Alagoas que depois foi se estendendo pelas suas áreas circunvizinhas à aquele território, ocupando o vale dos rios Camaragibe e Santo Antônio.

Na região dos quatros rios (1) que foi a sesmaria de Cristóvão Lins e Rodrigo de Barros Pimentel, pois aquele que dividiu seu primitivo feudo em 1608, os rios Manguaba, Camaragibe, Santo Antônio Grande, e Tatuamunha afora os pequenos rios constituem o ponto de referência da concessão de sesmaria, da fixação dos limites das doações feitas, na caracterização dos engenhos levantados cujos nomes muitas vezes são colhidos no rio e cuja margem se construam as fábricas de açúcar. DIÉGUES JÚNIOR (1980, p. 36).²

Quanto aos outros dois personagens, também enigmáticos da história de Porto Calvo Matias de Albuquerque, que mesmo não sendo natural de Porto Calvo sobre ele repousava a responsabilidade ou definição das decisões que deveriam ser tomadas sobre os destinos da guerra contra os holandeses e de Domingos Fernandes Calabar, um mestiço mameluco que conhecia a região “como a palma da sua mão”, por onde entrar, por onde sair onde estavam os esconderijos, onde era melhor ataca ou se defender e assim por diante, influenciando de maneira definitiva os destinos daquela guerra, dependendo é claro de que lado você estar naquele conflito bélico, que estamos a nos referir objetivamente da figura de Calabar que já é um “mito” nos tempos atuais, sobrecarregado de impressões nossas sobre aquele personagem histórico de “herói” para uns e “traidor” para outros, e o que não podemos fazer é um “julgamento” apossado sem a devida análise detalhada dos fatos, as análises de conjuntura tanto local, nacional e até internacional daquela época (sem paixões ou “partidarismos” bestas) que em si dificultam uma compreensão da realidade dos fatos e circunstâncias que nem sempre são analisados com uma maior isenção e criticidade pela história.

Há muitas coisas ainda a se investigam em função de ainda existir documentação inédita sobre esse período na Holanda (escrita em holandês e ainda não totalmente traduzidas para o português atual) ainda há lagunas a serem preenchidas na historiografia do Brasil Holandês.

² (1) A região dos quatros rios é composta pelos rio Manguaba, Camaragibe, Sto. Antônio Grande, Tatuamunha, o Comandata e o Mocaitá.

A fundação de Porto Calvo teve papel decisivo no processo de expansão sobre o território Norte de Alagoas, fazendo surgir outras Vilas em Porto de Pedras, Matriz e Paso de Camaragibe, Maragogi, São Bento, São Luiz do Quitunde e Colônia de Leopoldina e até Jundiá (fruto do processo de expansão territorial).

A invasão holandesa sobre Porto Calvo, Alagoas de Sumaúma e Penedo, trouxe diferentes impactos sobre a vida em cada uma delas. Para Porto Calvo que foi ocupada e reocupada por diversas vezes, tanto por portugueses, quanto por holandeses as marcas daquelas ocupações foram profundas e visíveis até hoje quando se sabe que o processo de construção, destruição pelas guerras de parte destas vilas em Alagoas, a sua desocupação, tentativa de reconstrução e talvez restauração era bastante cara, onerosa demorada e nem sempre ficava com a mesma qualidade do era antes.

Assim sendo Porto Calvo teve a sua Vila destruída várias vezes e por outras várias vezes teve que ser reconstruída causando um enorme dano ao seu patrimônio histórico e arquitetônico principalmente que ficou sem condições de ter-se uma continuidade ou sequencialmente lógico da sua evolução arquitetônica, sendo interrompida sempre ao calor das guerras, e este fato de certa forma auto justificaria a quase inexistência de um conjunto de momentos históricos e arquitetônicos do seu passado colonial de forma completa com todos os seus estilos de arte mais sim de maneira fragmentada incompleta, faltando algo sempre mesmo respeitando-se todas as variações de estilo artístico.

Isto compromete a qualidade e a quantidade o seu patrimônio histórico e arquitetônico fora outros problemas relacionados com esta questão envolvendo uma política de restauração e preservação deste patrimônio, ou a conscientização por parte do público da importância da sua preservação enquanto patrimônio histórico e cultural, ou até mesmo da prefeitura diga-se de passagem.

Quanto à passagem dos holandeses por Alagoas que aqui desembarcaram em Barra Grande em 1632, um pouco mais a baixo de Maragogi, eles teriam invadido, saqueado e incendiado o povoado (ainda não Vila) de Alagoas de Sumaúma, cerca de 100 casas e destruído a sua Igreja Matriz que na época funcionava no povoado de Taperaguá (próximo a entrada da cidade atualmente) e torturado também parte da sua população local, então a passagem dos holandeses pelo atual Marechal Deodoro foi traumática e destruidora, tendo ficado registrado na história dos registros e na memória coletiva do seu povo certamente mais

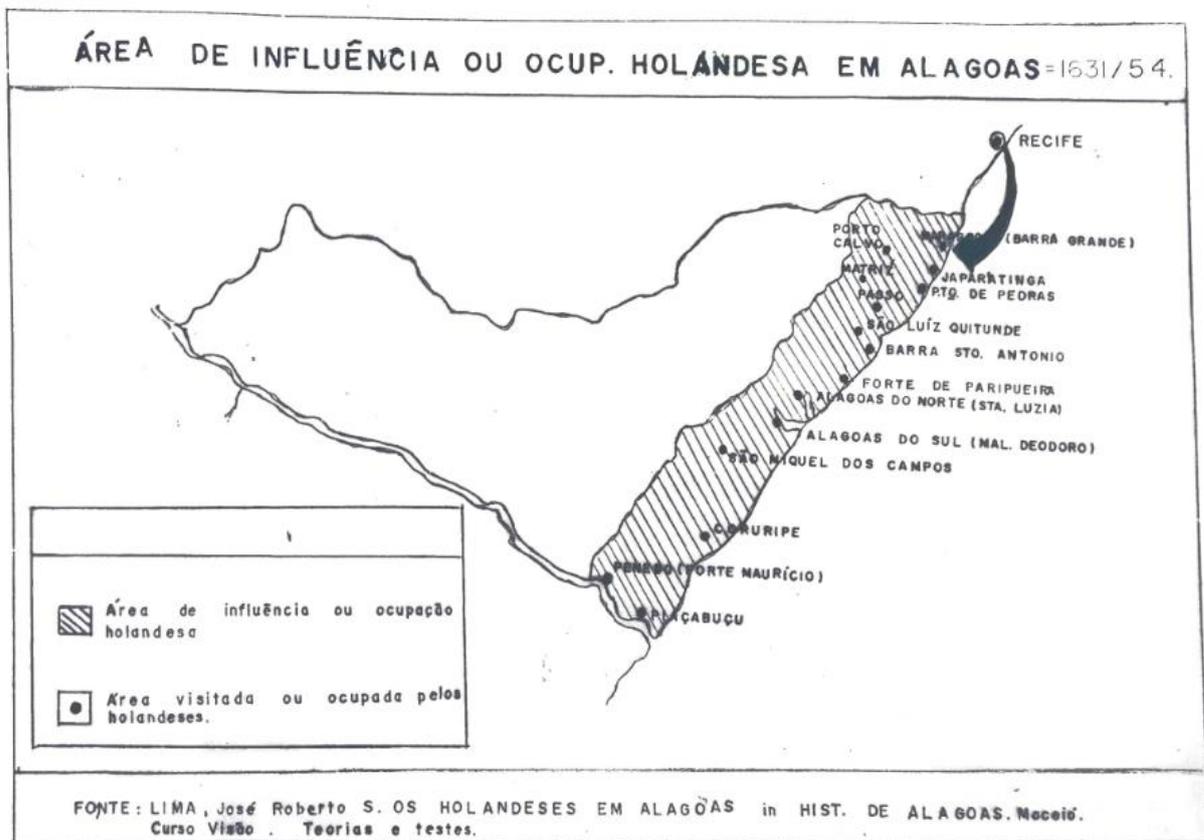
isto é um rico material a ser trabalhado pela história e pela memória e hoje faz parte do seu patrimônio.

Imagem 5: Imagem Marechal Deodoro/ AL.



Município de Marechal Deodoro Alagoas (2019) 8,42 cm x 15,98 cm.

Imagem 6: Mapa da área de Influência ou Ocupação Holandesa em Alagoas.



LIMA (1998, p.35) 11,35 cm x 15, 88.

Ainda sobre o domínio holandês sobre o território alagoano e sua gente não podemos aqui deixar de registrar uma série de acontecimentos históricos decisivos sobre os destinos da Guerra do Açúcar onde primeiramente sabemos que face ao avanço das tropas holandesas sobre o Arraial de Bom Jesus, Matias de Albuquerque por uma questão de estratégia é obrigado a reorganizar a resistência, agora em território alagoano para tentar neutralizar os avanços holandeses, é quando Matias de Albuquerque contra ataca Porto Calvo que estava sob domínio holandês vencendo os invasores capturando Calabar e depois de uma julgamento sumário (rápido) condenando-o ao garroteamento (enforcamento com a quebra do pescoço da pessoa) no Alto da Força em Porto Calvo (no local onde hoje está situado o Hospital Geral de Porto Calvo e onde foi o antigo forte de Porto Calvo).

Matias de Albuquerque por ter trazido grande parte da população de Recife, Olinda e do Arraial de Bom Jesus para Alagoas, muitas das que foram obrigadas a migrar forçadamente para Alagoas morreram ao longo do caminho e daí escreve para o Rei em Portugal denunciando este escândalo de Albuquerque que o chama o Rei de Portugal, sendo ele julgado e sentenciado até decisão em contrário.

O substituto de Albuquerque foi Rogas Y Borja um oficial espanhol que assume a direção das tropas de resistência e sem querer ouvir os demais oficiais decide marchar sobre Porto Calvo que estava novamente sob o domínio holandês, mais a decisão de Borja acaba precipitando a Batalha da Mata Redonda quando tropas holandesas e da resistência se enfrentaram culminando com a morte do general Rojas Y Borja nas proximidades da fazenda da Mata Redonda no atual município de Porto de Pedras/ AL. No norte de Alagoas.

Toda esta região onde teria ocorrido a “Batalha da Mata Redonda” seria uma área com potencial para realizar-se escavações arqueológicas porem nunca foi objetivo de interesse dos estudiosos do assunto que inclusive duvidam se realmente teria acontecido essa batalha em terras alagoanas.

A chegada do Conde Maurício de Nassau, recém-chegado da Holanda dar outro destino à guerra, primeiramente tentando e conseguindo diminuir os combates e conflitos entre holandeses e luso-brasileiro, tentando conquistar a confiança dos senhores de engenhos para voltarem a produzir açúcar que era o objetivo de interesse maior da companhia dos índios Ocidental e dos financistas Judeus em ganharem e especularem com o comércio do açúcar no mercado internacional.

Tabela: A Guerra dos Holandeses, PUNTONI (1995, p.14) 11,28 cm x 15,85.

BRASIL HOLANDÊS: Açúcar Branco (1631/ 1651)			
ANOS	CAIXAS	ANO	CAIXAS
1631	828	1642	10.739
1632	1.514	1643	10.812
1633	---	1644	8.587
1634	2.117	1645	7.279
1635	2.657	1646	2.704
1636	4.787	1647	1.273
1637	1.899	1648	1.175
1638	5.687	1649	1.424
1639	8.288	1650	999
1640	8.974	1651	559
1641	14.542	---	---
TOTAL =====>			92.610

Na “política de boa vizinhança” por assim chamar adotada por Nassau, ele intermedia uma linha de financiamento com os financistas holandeses para a compra de mais escravos e tirar vários senhores de engenho da falência e a ser pago com açúcar cujos dados podem ser vistos na tabela acima, além de Nassau ter trazido da Holanda arquitetos, pintores, engenheiros, médicos, botânicos, astrônomos e cartógrafos, aterro da cidade do Recife, construção de pontes, casas, mercados etc. além de ter Nassau invadido Angola para ter o controle do comércio de escravos da África para Pernambuco holandês, assim como a construção do Forte Maurício de Nassau na Vila de Penedo e uma tentativa frustrada dele, em reocupar militarmente a cidade de Salvador, por que já havia sido construído o Forte da Barra, a fortaleza de Montserrat no alto e o Forte São Marcelo no litoral de Salvador que bloquearam a invasão holandesa promovida por Nassau que foi um fracasso total.

Depois da saída de Nassau de volta para Holanda as relações entre senhores de engenho locais e os holandeses se desgastaram chegando, o confisco de engenho pelos financistas holandeses aumentou as disputas e conflitos que se somaram ao apoio do reino português em entregar o nordeste para os holandeses como forma de indenização pelas dívidas até chegar às batalhas das tabocas e Guararapes I e II.

Segundo o historiador Douglas Apratto Tenório e Carmem Lúcia Dantas em sua obra “A Presença Holandesa: A História da Guerra do Açúcar vista por Alagoas” quando eles se referem ao fato histórico da heroica resistência de Santa Luzia do Norte, Douglas Apratto, assim se reportou a aquela ação de resistência:

Após devastar e queimar Alagoas do Sul (...) os holandeses rumaram para outro prospera povoação a de Santa Luzia do Norte, onde tencionavam repartir o que fizeram. Ali porem as coisas não aconteceram como eles esperavam. A população decidiu enfrentar os invasores organizou uma forte resistência com lances heroicos liderados pelo bravo capitão de Armas Antônio Lopes Figueira que rebateu o ataque das tropas flamengos cuja população entrincheirada no outeiro de São Bento no Alto da vila onde moravam vários lutadores inclusive o líder da resistência Antônio Lopes Figueira com vários de seus leais companheiro. TENÓRIO (2016, pp. 52/53).

Foi à montagem desta resistência em Santa Luzia do Norte composta por pessoas que já haviam fugido de Alagoas de Sumaúma para Santa Luzia do Norte e com a organização e articulação do capitão de Armas Antônio Lopes Figueira que impediu que eles dominassem totalmente todo o território de Alagoas, já guiados por Calabar desde o seu desembarque em Barra Grande, mais os invasores marcharam sobre Porto Calvo, Porto de Pedras, Camaragibe, Porto do francês, Alagoas de Sumaúma, Alagoas do Norte (Santa Luzia do Norte), e São Miguel dos Campos.

Imagem 7: Penedo: Jacob Van Meurs.



TENÓRIO (2016, p.132) 11,01 cm x 15,77.

Quanto à presença holandesa sobre Penedo ela está relacionada a outro momento da guerra contra os holandeses, quando o Conde Maurício de Nassau determinou a ocupação da Vila do Penedo e a construção de um forte naquele lugar que mais tarde seria chamado de Forte Maurício de Nassau na parte alta da cidade, próxima a região onde atualmente está a sede da Prefeitura de Penedo, virada para o lado do rio, segundo se sabe historicamente é que inclusive já foi feito prospecções arqueológicas na região por professores da Universidade Federal de Pernambuco, há alguns anos atrás confirmando tal tese do local exato de onde o Forte se localizava que ele depois foi destruído pela população local, durante as guerras da reconquista o território por parte das tropas lusas brasileiras e espanholas.

Segundo Abelardo Duarte em sua matéria escrita e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, sob o título “Notas sobre as Fortificações Holandesas em Alagoas” (1945/6), assim ele descreve sobre o Forte Maurício de Penedo:

Não renunciaram os holandeses à conquista da região de São Francisco, cujo campo da criação, sobretudo cobiçava e havia de parte de Sigismundo Van Schkopp o desejo de cortar o suprimento do exército libertador as possibilidades de receber provisões e reforços da Bahia despachou com esse intuito Schkopp uma força de mil e cem homens 106 as ordens de Henderson cuja esquadra seguiu para Coruripe, ancoradouro do Betel na barra do rio Coruripe e daí rumo ao rio São Francisco, cuja população foi tomada de pânico e daí iniciou a restauração do Forte Maurício, DUARTE (1945/6, pp. 78/79).

Quanto à cana de açúcar sabe-se que ela não é um produto de origem americana, mais sim do sudeste asiático, mas reconhece-se a sua importância tanto histórica, econômica, social e cultural e os laços ou traços culturais que ela ao longo da nossa história foi capaz de interligar, fazer partes ou refazê-la e construir uma verdadeira herança ou um legado cultural que permanece até os dias de hoje.

Em se tratando desse rico patrimônio histórico e artístico de Alagoas que se desenvolveram termo dos engenhos de açúcar de uma sociedade latifundiária, aristocrática, escravocrata, paternalista e excludente que se criou também em Alagoas, a sombra de Pernambuco que foi estudada profundamente por Gilberto Freyre na sua obra “Casa Grande e Senzala”; “Nordeste”; “Sobrados e Mocambos” e “Ordem e Progresso”. Que fez radiografia completa da natureza e a essência da sociedade açucareira da sociedade açucareira nordestina, que aqui em Alagoas estes estudos pioneiros foram feitos pelo sociólogo Manuel Diégues Júnior, através da sua obra “O Banquê nas Alagoas”, quando esse estudioso faz uma análise pioneira, detalhada, e precisa sobre os primeiros engenhos de Açúcar de Alagoas ou Usinas, o “Escurial”, “Baixo”, o “Maranhão”, o “Buenos-Aires”, o “Cachoeira”, o “Mundaú”, o “Rio

Largo”, o “Santo Antônio”, o “Utinga”, o “Mussue”, o “Pilar”, o Terra Nova”, o “Garça Torta”, o “Sinimbu”, o “Nossa Senhora da Ajuda” e tantos outros que teriam se espalhado da Zona da Mata de Alagoas, tanto no passado mais que apenas alguns sobreviveram e ainda estão evidentes no tempo presente, até o processo de consolidação das primeiras usinas de Alagoas, até o início do século XX, onde nos seus três últimos capítulos Diégues Júnior “se debruça” ao estudar com o mesmo vigor científico a vida social nos engenhos de açúcar, as mais diversas expressões culturais acontecidas dentro ou ao redor dos engenhos banguês, tanto quanto o nosso rico folclore através de suas danças, rituais, comidas típicas, poesia, cantigas, embaladas, lendas superstições, medicina popular e o linguajar nordestino, que tudo isto faz parte deste rico patrimônio cultural de Alagoas, até o tempo presente.

Segundo Diégues Júnior “é no banguê que assenta a formação da família alagoana, ela nasce no engenho (...) se desenvolve, amplia-se e dilata sua influência aos meios rurais, saem dos engenhos os velhos troncos da genealogia alagoana” Diégues Júnior (1980, p. 186) que dar origem aos “Barros Pimentel”; aos “Wanderley”; aos “Uchoa”, os “Mendonça” os “Albuquerque Lins”, os “Oiticica”, os “Gomes de Melo” e outras famílias tradicionais de Alagoas Oligárquicas em grande maioria delas, enquanto outras adotaram uma outra postura mais ética frente aos problemas, em sua época. Em Alagoas grande partes desse Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico sobre a história do açúcar sejam em relação aos engenhos banguês ou Usinas de Alagoas, encontra-se boa parte deles destruídos, dilapidado, em ruínas ou não existe mais infelizmente, como podemos perceber através da imagem dessas ruínas do Engenho Lagoa Vermelha em São Luiz do Quitunde/ AL., em estado lastimável de destruição. São Luiz do Quitunde: Engenho Lagoa Vermelha.

Imagem 8: Engenho em Ruínas Anhumas – União dos Palmares



Tenório, (2014, p. 01) 6,43cm x 14,69cm.

Da maioria daqueles engenhos banguês ou Usinas, citados a alguns parágrafos através do “Escrival” de Porto Calvo até a “Usina Sinimbu” desse imenso legado histórico e cultural das Alagoas apenas ainda estão de pé o Engenho Jenipapo em Maragogi, está muito bem preservada a Casa Grande do antigo “Engenho Cabeça de Porco”, em Barra de Santo Antônio,

Imagem 9: Casa Grande do engenho Cabeça de Porco



<http://alagoas1.blogspot.com/2011/10/engenhos-remanescentes-do-litoral.html>

9,48cm x 15,75

Imagem 10: MARAGOGI: Casa Grande e Capela do Engenho Marrecas (hoje é hotel)



<https://tribunahoje.com/noticias/interior/2019/03/12/hotel-fazenda-marrecas-em-maragogi-encerra-suas-atividades-de-hospedaria/> 6,44cm x 15,9cm.

O Engenho Salgado no Pilar; o engenho Bananal Fernandes, de Viçosa com toda a sua pujança e muitos outros não aqui citados, que tentam criar uma áurea do apogeu que eles teriam vivenciado no seu passado glorioso.

Nestes e em outros engenhos e Usinas de Alagoas é que aconteceram as articulações políticas e partidárias para a eclosão da Revolta dos Lisos e Cabeludos, entre partidários do Visconde de Sinimbu ou de Tavares Bastos que iria marcar profundamente a história de Alagoas, tanto quanto na história das iguarias ou da alimentação indo desde o uso do caju na confecção de sucos, doces, compotas, bolos, broas, assim como a confecção das “rendas”, os crochês, a musica (tocada e cantada), o exercício da poesia, da prosa, da pintura, quanto nos engenhos e usinas, pois foi nelas os “berços” onde nasceram e se desenvolveram os “dançadores de coco de roda”, os poetas populares que fizeram as suas poesias, onde as lendas do Saci Pererê e lobisomem eram falados quando as crianças já estavam um pouco mais crescidas e também onde usava-se, os remédios caseiros da medicina popular, as rezas e as benzeções das rezadeiras. Tudo isto fazia e faz parte ainda desse universo cultural das Alagoas, que envolve também a áreas da linguística, assim como outras áreas além do conhecimento histórico, que compreende a antropologia e etnologia e o próprio folclore em si como áreas específicas dos estudos da cultura popular.

Ainda a respeito desse imenso patrimônio histórico e cultural de Alagoas que apesar de ser o segundo menor Estado da região nordeste do Brasil dispõe de uma rica tradição histórica e cultural extremamente diversificada desde o seu ambiente natural da fachada litorânea a zona da mata, o agreste e o seu sertão, cada um deles com um relevo próprio, um clima específico e uma cobertura vegetal e uma dinâmica econômica, populacional e histórica, própria de cada uma dessas comunidades; onde a história do “ciclo do gado” e do algodão definiram caminhos ou descaminhos da sua caminhada até chegarmos aos dias atuais, onde são forte as histórias em termo dos prepotentes Coronéis (Delmiro Gouveia, Ulisses Luna, José Rodrigues e vários outros) que mandavam nas pessoas e nas coisas e instituições desses locais, além dos famosos cangaceiros dos bandos de Lampião ou Corisco que também mandavam no sertão de Alagoas.

Não podemos esquecer-nos de falar o fato de que existe todo um legado histórico, cultural e artístico a respeito da presença da Igreja Católica Apostólica Romana em todos os aspectos da vida espiritual e cotidiana, desde alagoas colonial durante a instalação dos primeiros acontecimentos e desenvolvimento da catequese com a participação ativa de Franciscanos, Carmelitas, Jesuítas, Inacianos e outras ordens religiosas não aqui citadas, como

os Beneditinos que construíram uma Igreja e um mosteiro em São Bento com uma visão estratégica para o mar (Cujo prédio nunca chegou a se concluir) assim, como os Inacianos que fundaram colégios e igrejas em Porto Real do Colégio e São Braz e Traipu no Rio São Francisco, quando em Penedo os Carmelitas construíram o recolhimento e a Igreja de São Gonçalo do Amarante e os Franciscanos erguendo igrejas e conventos em Alagoas do Sul (Marechal Deodoro atual) e o Convento/ Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, formando duas grandes joias do barroco nas terras de Alagoas com seus “azulejos” tetos em caixotões, “retábulos” esculturas, pratarias compondo um riquíssimo acervo histórico, cultural e artístico de qualidade incomum, ora artistas vindos de Pernambuco, ou da Bahia e alguns pouquíssimos artistas locais.

A forte presença da Igreja Católica pode-se sentir em vários locais do território alagoano através das procissões ainda hoje. Existem com uma forte adesão popular em Porto Calvo através da procissão de Nossa Senhora da Apresentação, tanto quanto as demais procissões que ocorrem em outros municípios alagoanos como a de “Nossa Senhora do Rosário”, em Penedo ou “de Bom Jesus dos Navegantes”, no começo do ano também em Penedo e a de “Nossa Senhora da Conceição”, em Marechal Deodoro, a de “Nossa Senhora do Ó” em São Miguel dos Campos, a de “Nossa Senhora da Saúde” de Piranhas, a de “Nossa Senhora dos Prazeres” em Maceió onde geralmente ela é a Santa Padroeira daquele local, onde todas essas expressões de fé e amor que tem em comum a adoração à santa e a profunda fé que os seus devotos tem a ela. Estas festas tem um aspecto religioso e outro profano, onde ambas as questões geralmente se misturam ou interagem que movimentam o comércio dessas cidades/ municípios onde estes fatos propiciam a movimentação da economia e do comércio local, dando a chance do “pipoqueiro”, do “vendedor de cachorro-quente”, do rapaz que vende algodão-doce ter um lucrozinho da dona “Maria” que vende “milho verde”, “canjica ou pamonha” ter seu lucro girando a roda da economia, da prestação de serviços e de outras situações que acontecem ao longo daquelas festas como por exemplo ter apresentações de pastoril, chegada, reisado, guerreiro ou qualquer outro folguedo ou dança popular.

Não podemos esquecer que no final do século XIX, durante o II império é que D. Pedro II determina a criação dos cemitérios públicos que poderia enterrar tanto católicos quanto protestantes ou ateus, já que antes as pessoas só poderiam se enterradas em cemitérios das suas devidas irmandades religiosas de brancas, pretos ou pardas.

Existem também tanto um legado histórico, cultural e artístico baseado na história da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil expressa através dos seus museus de Arte Sacra,

da arquitetura barroca franciscana presente nos conventos de Marechal Deodoro e Penedo, das suas esculturas e pintura dos tetos e outros ricos legado do barroco nas Alagoas, que nos representam em todos os sentido enquanto patrimônio e cultura.

Não podemos deixar de fala que Alagoas também teve guerras, batalhas, revoltas, rebeliões e muita disputa politica e ideológica partidária ao longo da sua história politica desmistificando aquele falso mito de que Alagoas sempre viveu em paz, sem conflitos. Foi aqui, onde aconteceram os genocídios dos índios Caetés Potiguares e vários indígenas e de Palmares na serra da Barriga, além da guerra dos Cabanos que começou em 1832 e que teria se estendido ao longo da fronteira norte entre Alagoas e Pernambuco, motivado pela abdicação de D. Pedro I, onde o movimento tinha caráter restaurador, que depois a elite se afastou do movimento assumindo um caráter de maior reivindicação social como o direito do acesso a terra e outras reivindicações, liberdade politica maior etc., a Revolta dos Lisos e Cabeludos (1844/5) entre partidários do Visconde de Sinimbu e o Tavares Baixo que foi um movimento Inter oligárquico quando em 1844 as tropas dos Lisos (de Tavares Bastos) ocuparam por um curto espaço de tempo o bairro de Bebedouro em Maceió, cujo movimento se espalhou pelo interior de Alagoas em Atalaia e Murici.

Quanto a Confederação do Equador, que teria acontecido em 1824 em Pernambuco onde em São Miguel dos Campos e Anadia haverá uma boa adesão ao movimento de características republicanas cuja maior liderança em Alagoas será a mãe do futuro Visconde de Sinimbu, dona Ana Lins, uma das heroínas da citada Confederação nas Alagoas.

Houve a sedição de Porto Calvo de 1823 que derrubou a Junta Governativa do Governo de Alagoas nomeado por D. Pedro I, onde apareciam vários portugueses que foram destituídos do cargo e nomeados apenas brasileiros, isto em 1823 diante de uma longa disputa entre brasileiros e portugueses depois de 1822, além de alagoas ter acontecido o primeiro caso de impeachment do Brasil do Govenador Muniz Falcão na final da década de 50.

Tudo isto faz parte de um legado histórico e político das Alagoas que não pode ser desconsiderado em função disto fazer parte da nossa história política e das mentalidades, onde seja lá no poder legislativo, no executivo ou no judiciário a nível das esferas do poder de decisão nas Alagoas.

Alagoas teve ainda inúmeros jornais ao longo da sua historias (desde o primeiro dele o “Iris Alagoense”, o “Lincoln” o “Gutemberg” até a atual Gazeta de Alagoas ou Tribuna do Agreste), teve no final do século XIX o Sopro dos Ventos da modernidade sobre o seu

território, primeiro introduzido novos melhoramento urbanos na cidade de Maceió – Capital da antiga Província e depois Estado de Alagoas, quando o código de postura de Maceió de 1861 determinava a correta destinação dos lixos e dejetos caseiros, cria uma rede de transporte de bondes entre Maceió, Jaraguá e Trapiche da Barra, ampliação da navegação a vapor e trem pela província, melhoramentos no porto de Jaraguá e aumentando as exportações de madeiras, açúcar e algodão para Europa, criação da primeira fábrica de tecidos em Fernão Velho, pelo Barão de Jaraguá, Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, Associação dos Tipógrafos, Clubes Literários, recreativos de professores e outras profissões além da construção da Associação Comercial do Jaraguá e o Palácio dos Martírios construído muito tempo depois já na República.

A condição “sine qua non” do progresso das pessoas, grupos, nações e sociedades é o sentido da identidade cultural. Ela é a força que anima e orienta a vontade, a força que mobiliza recursos internos e faz da mudança necessário uma adaptação criadora. Cristaliza-se o sentimento que o conceito de identidade cultural é a base do desenvolvimento que Celso Furtado nos ensina que devemos pensar em desenvolvimento à partir de uma visualização dos fins substantivos que desejamos alcançar e não a lógica dos meios que nos é imposta do exterior. (TENÓRIO, 2004, p. 07).

Apesar de reconhecer-se que houve nas últimas décadas há duras penas, mais sim houve poucos avanços, porem significativos do setor cultural nas Alagoas, mais o quadro da miséria e do subdesenvolvimento ainda e assustador, porem foram feitos e executados planos, projetos diversos e estratégicos são elaborados ou reelaborados sempre.

O problema é saber em que medida o setor cultural está sendo levado em consideração, há preocupação com a questão das identidades local e regional, em que sentido? Como são feito? Não estamos apenas falando dos vários eventos antes e depois da Pandemia do Corona Vírus.

Como estão sendo feitos os Eventos, Festivais, circuitos de intelectuais, acadêmicos ou do nosso folclore com os protocolos de segurança atendidos. Afinal de contas política cultural não é decidida ou definida por decreto como o foi durante a ditadura militar, se é que eles pensavam nisso? Que eu acredito que não, mais ela é um bem cultural de um determinado povo, com os seus desejos, anseios mais um valor permanente para toda a sociedade alagoana a depender de tempo, espaço, circunstância e necessidades bem definidas e otimamente bem executadas para o bem do seu próprio povo e nível coletivo.

Já que havíamos falado anteriormente sobre a questão da presença holandesa em Alagoas, unge agora fazer ou estabelecer uma ligação lógica da temática já abordada

anteriormente com a cultura da cana de açúcar e destas duas com a mão de obra escrava africana e de todas elas com o Quilombo dos Palmares para que melhor passamos a entender a força individual e acima de tudo coletiva de todas elas estarem todas interligadas entre si.

1.3 Legado Histórico e Cultural

O legado histórico e cultural construído na região dos canaviais deu condições a se construir uma verdadeira sociedade com mentalidades e legados históricos culturais baseados no poder do latifúncio, da monocultura e no próprio açúcar que desencadeou uma série de transformações no modo de planta-la, cultiva-la, e beneficia-la, nas culturas locais regionais e até nacionais, construindo por onde ela passou, deixou um profundo impacto ambiental negativo, costurou uma série de vínculos, necessidade, “status social” e acima de tudo de um enorme legado cultural que está presente na culinária, na arquitetura dos engenhos ou usinas, casas-grandes senzalas (desativadas) ou nas engrenagens dos antigos engenhos que quase não existem mais, que hoje são utilizados às vezes como elementos decorativos ou como “caqueiras” como alguns tachos por exemplos muito comuns nos antigos engenhos.

As marcas ou legados culturais ainda estão presentes nos nossos folguedos populares, já que era geralmente no terreiro próximo as casas grandes onde aconteciam às brincadeiras com a chegada do Pastoril, do Reisado, do Guerreiro, das Cavalhadas, das Missas, dos Saraus etc.

Esse legado histórico e cultural está também presente no falar, em palavras que fazem parte do português falado só aqui no Brasil ou em algum sotaque regional, além dos nomes de alguns desses engenhos como o Escurial, o Buenos Aires, o Maranhão e outros erquidos por Cristovão Lins no século XVI e por uma infinidade de outros como a Cumbe de Marechal Deodoro, o Massanguinha, o Canabrava, o Andrequinice, o Bananal da Viçosa, o Brejo, o Embiribas, o engenho e usina Uruba de Atalaia, o Riachão, o Varrela, o Nambu, o Jaboticaba, o Mundaú, o engenho Poxim de Jequiá da Praia, Jenipapo, o Prata, o Lamarão, a Cachoeira, o Pratagi e uma infinidade de outros nomes da serra da Mata de Alagoas ou das zonas da serra de Mata Grande para a fabricação de cachaça ou rapaduras no alto sertão de Alagoas (Engenho Cristo Redentor de Água Branca, por exemplo) que compuseram ao seu modo de vida uma verdadeira “civilização do açúcar” que se constituiu aqui nas Alagoas e que criou um enorme legado histórico cultural.

Presentes no seu mobiliário, do conforto de seus alpendres, salas de estar e visita, quartos, cozinha e seus demais cômodos, sem deixar de falar dos seus sobrados pias de assoalho, (porões) telhados com “linhas”, “caibros” e “telhas vãos” que sempre ficavam a mostra, e os canteiros em frente à casa grande embelezando, nas suas laterais ou no fundo com pomares e com seus pés de laranjeira, pitanqueira, acerola, jenipapo, sapotis etc. Onde nestas jarras plantavam-se rosas, margaridas, begônhas, carinho-de-mãe etc., além dos nichos e altares que completavam esse universo da crença e da fé.

1.4 Legado Histórico Africano em Alagoas

Quando se fala da cana-de-açúcar e de seus engenhos é impossível não discutilos sem analisar a imprecidível presença efetiva dos diversos povos africanos condenados à escravidão, vindos das regiões de: Angolas, Moçambiques, Guiné que incluíam as etnias de origem bantas, sudanesas e Yorubás islamizados ou não.

Lembrando que também teria acontecido também em Alagoas uma Revolta do Malés também em Penedo em 1815 muito antes daquela Revolta nagôs que teriam acontecido em Salvador, na Bahia que foi estudada pela primeira vez por Abelardo Duarte, contida em sua obra “Negros Muçulmanos nas Alagoas: Os Malés (Memória)” publicado pela primeira vez em 1958 e lido em 1956 em uma mesa redonda comemorativa aos 50 anos de Nina Rodrigues, organizado pelo Instituto Geografico da Bahia e o seu governo Estadual e Municipal na época, Abelardo Duarte foi o representante de Alagoas no citado evento.

Várias sociedades africanas já conheciam ou praticavam um tipo de escravidão “domestica” (para eles próprios), mais isto não autojustificavam o uso da escravidão como elemento especulativo ou de autijustificar a sua implantação de forma sistêmica que no caso específico do Brasil durou a sua existência e manutenção por volta de 350 ou 400 anos só aqui no Brasil de escravidão, já que fomos o primeiro no país do mundo a implanta-la (nas Américas) e o último a aboli-la, a escravidão de africanos via tráfico negreiro.

Quanto à cana de açúcar sabe-se que ela não é um produto de origem americana, mais sim do sudeste asiático, mas reconhece-se a sua importância tanto histórica, econômica, social e cultural e os laços ou traços culturais que ela ao longo da nossa história foi capaz de interligar, fazer partes ou refazê-la e construir uma verdadeira herança ou um legado cultural que permanece até os dias de hoje.

Imagem 11: <https://www.historiadealagoas.com.br/escravidao-em-alagoas-e-os-escravos-castigados.html> 9,75 cm x 15,99.



Partida para colheita de café no Vale do Paraíba em 1885, foto de Marc Ferrez

Segundo o historiador Manolo Florentino, ele assim se posiciona sobre a questão da escravidão africana no Brasil dizendo: Os grupos dominantes africanos viam no tráfico um instrumento através do qual podiam fortalecer seu poder incorporando povos tributários e escravos. A venda destes últimos no litoral lhes permitia o crescimento a diversos tipos de mercadoria e material bélico...aumentando sua capacidade de produzir mais escravos e controlar bens envolvidos. FLORENTINO (2010, p. 67), no escondo que tiveram papais diferentes tanto para a economia brasileira, quanto para as populações ou impérios africanos, quanto o crescimento dos engenhos de açúcar que careciam de cada vez mais de mão-de-obra e o aumento da resistência indígena à escravidão culminariam num uso maior da mão-de-obra africana, se tornando algo sistêmico, gigantesco e profundamente desumano.

De 1550 em diante foram construídos vários engenhos de açúcar nas regiões de Pernambuco (incluindo Alagoas), Recôncavo Baiano, “litoral paulista e Carioca, sendo 66 engenhos banquês em Alagoas por volta de 1585 que alguns destes engenhos, conforme já havia citados se localizava em Porto Calvo, Matriz e Passo de Camaragibe, São Luiz do Quintunde, Alagoas do Sumaúma e Santa Luzia do Norte e outras localidades de Alagoas sempre utilizando-se da mão-de-obra escrava africana, que faziam tudo dentro de um engenho, plantava a cana, limpava o solo de ervas daninhas, cortava, colhia, transportava a

cana, moíam a cana, transportavam o caldo para as tochas, faziam o fogo para o cozimento da cana, realimentavam o fogo, até aquele caldo ferver, borbulhar para depois deixar esfria-lo e coloca-lo nos paês-de-açúcar, quebrar o açúcar e condociona-lo nas caixas ou barricas para leva-los ao porto para a sua exportação.

Lembrando-se da frase famosa do jesuíta Antonil “os negros (e negras) são as mãos e os pés dos senhores de engenho” e de toda a sociedade escravista brasileira que “inexistiria” sem o trabalho deles e delas, sem o carinho e seu afeto. “Engenho de açúcar tem os sinais da escravidão. Embala na senzala dos escravos da nação; estiva na categoria de trabalho provisão”. BRITO (2009, p.11).

Os escravos africanos moravam nas senzalas um único cômodo úmido, escuro, mal cheiroso, onde ficavam juntos homens e mulheres, velhos e crianças vigiados por uma capitão do mato ou capataz que ao menor deslize poderia castiga-los, levar ao tronco de bruços ou amarados no tronco.

As formas de protestos dos negros à condição de escravizados estão presentes desde a captura deles, as diversas revoltas escravas que teriam acontecido dentro dos navios negreiros ao longo da história, as greves de fome, as rebeliões, os abortos e as fugas para constituição dos quilombos ou mocambos. É assim, que nasce o ideário de Palmares.

Ninguém até hoje sabe quando o quilombo dos Palmares se iniciou, sabe-se apenas de todas as pesquisas feitas até o presente momento revelam que foi antes deste período histórico (1630/1654) que os negros dado o afrouxamento do sistema de vigilância a eles passaram a fugir em massa para a região de Palmares e a constitui-lo enquanto comunidade que tinha a liberdade enquanto princípio, desejo e concretização histórica que se realizou plenamente em um determinado período e momento da nossa história.

A área aproximada de Palmares de todos os seus mocambos era de 24 mil Km² que eram 18 mocambos, tendo como capital a cerca Real dos Macacos, cujos maiores mocambos foram Andalaquituche há 25 léguas de distancia de Alagoas de Sumaúma (Marechal Deodoro); Acotirena há 21 léguas do norte de Porto Calvo; Dambradanga há 14 léguas ao sul de União dos Palmares, próximo à Serra Dois Irmãos e ao atual povoado de Sabalangá, Osenga há 6 léguas a oeste de Viçosa; Subupira há 6 léguas do sul cerca Real dos Macacos; Tabocas há poucas léguas do mocambo de Acotirne e Zumbi que ficava a 16 léguas de Porto Calvo que eram os seus famosos mocambos de Palmares.

Só os holandeses teriam eles feito duas expedições contra Palmares, além das expedições que teriam acontecido entre 1644/77, que entre elas estão as duas expedições de

Fernão Carrilho à Palmares, a proposta de trégua as guerras contra Palmares e o acordo de Conga Zumba com o Governador de Pernambuco D. Pedro de Almeida.

A resistência de Zumbi em não aceitar o acordo de Ganga Zumba. A partir de 1690 a 1697 começa o ciclo de Domingos Jorge Velho e de outros bandeirantes que sobem a serra da Barriga com 04 a 06 canhões quebra as cercas de defesa de Palmares que depois de mais de dias de guerra ininterrupta culminando com sua destruição ficando para a história um exemplo único de luta e resistência pela causa da liberdade liderados por Zumbi dos Palmares que é descoberto depois da sua fuga na Serra Dois Irmãos em Viçosa onde ele é executado e vários pedaços do seu corpo são levados para o Recife.

Para servir de exemplo aos demais negros e eliminar o mito de que Zumbi, que quer dizer “aquele que não morre nunca” era também mortal, colocando a sua cabeça em um lugar, e o tronco (corpo) em outro lugar e os braços e pernas em outro, mais um mito não morre nunca.

Quais teriam sido os grandes legados históricos e culturais nos deixados pelos negros?

Para a língua portuguesa “do Brasil” foram agregadas palavras de origem bantu, sudanesa e Yoruba ao português como os termos abada, abará, acarajé, afoxé, agogô, aluá, angola, angu, axé, babá, banguê, batuque, bobó, bengo, banzê, birimbau, bagunça, balangandás, bambambã, bunda, bando, banguela, banzé, caçuá, caçamba, cachaça, cabinda, cachimbo, cafuné, cacimba, Cacimbinha (Município de Alagoas), caçula, calango, calundu, calunga, corcunda, cafofo, cafundó, cafuné, calombo, camundongo, candomblé, canjerê, canga, canjica, capanga, capenga, capoeira, carimbo, caruru, catimba, catinga, caxangá, caxumba, chilique, cochilar, congada, cuíca, dendê, dengo, dengoso, dengue, fubá, fuzuê, galalau, Ganga-Zumba, ganga, ganzá, garapa, ginga, gongá (espécie de sabiá), gorila, guiné, gororoba, hum-hum (interjeição de lamento ou de aborrecimento), Iansã, Iemanjá, Inhame, Iorubá, jagunço, Janaina, jegue, jiló, liamba, lelê, lumdu, lomba, macaco, maculelê, macumba, mamona, maconha, mandiga, mungunzá, maracatu, maracutaia, marimbondo, massapé, mucama, maxixe, miçanga, minhoca, Moçambique, mochila, mulungu, munganga, muxoxo, mocotó, mulambo, muvuca, negreiros ou tumbeiros, orixás, oxalá, patuá, patota, pirão, quenga, quiabo, quebebe, quilombo, quengo, quindim, quitanda, quitute, quizomba, samba, senzala, reco-reco, ranzinza, sacana, sarava, tipoia, titica (de galinha) tribufu, tutu, umbanda, urucubaca, vatapá, xangô, xingar, xinxim de galinha, xodó, zabumba, zanga, Zumbi e zumzum “que quer dizer boato”. BRANDÃO (2006, 2007, p. 21).

No campo da música popular brasileira a herança cultural africana está presente através dos diversos instrumentos musicais por eles criados como os Atabaques, Dejembe, Caxixi, Chocalho, Kisangê ou Kalimba, Tambores, Balafon, Reco-Reco, Berimbau, Agogô e Xequerê, Cuícas, Pandeiros, uma série de outros instrumentos musicais que hoje fazem parte da história do Jongo, do Samba e do nosso próprio carnaval que nasceu dentro das brincadeiras e batuques que os escravos faziam, no seu culto religioso nas senzalas

envolvendo as vezes muito batuque e danças, que evoluiu pra outro tipo de celebrações nos terreiros de macumba, misturados candomblés e cultos católicos, mantendo-se a força dos atabaques, as danças e capoeira sem os birimbaus, herdados dos antigos ancestrais africanos os requebrados, os rebolados, acrobacias e peripécias que os passistas das escolas de sambas dão uma identidade à aquele espetáculo momesco.

A raiz de toda escola de samba seria o terreiro de macumba geralmente, cujos descendentes de negros que teriam vindo da Bahia ou da área rural do Rio de Janeiro, só tinham os atabaques para tocar, por isso que dentro de uma escola de samba até hoje tudo é fundamentalmente voz, (do samba enredo) e percussão (dos bumbos, atabaques e pandeiros) cujos primeiros desfiles perto da praça Onze do Rio de Janeiro, onde se fazia a folia, os batuqueiros reverenciavam as damas das “casas de culto” como a tia Ciata e tia Fé, para combater-se o preconceito (racial e outros tipos) vestiam-se o mais elegantes o possível que seriam notados pelo pessoal da imprensa policial e foi assim que surgiram as primeiras escolas de samba a Mangueira e a Portela, no Rio de Janeiro, que receberam influência de diversos elementos culturais como no “entrudo” português que substitui-o o “molha-molha” pelo confete, serpentina e lança-perfume (influência francesa no nosso carnaval), dos desfiles que vem de lá de Roma Antiga quando exércitos exibiam as suas prendas, das marchas ou clubes carnavalescos que agregavam pessoas de classe média, os congressos das sumidades carnavalescas criados em 1855 e a figura folclórica do sapateiro José Nogueira de Azevedo que era chamado de “Zé do Bumbo” que animavam o carnaval e as chamadas “blocos de sujos” e da “arruaceiros”, que se tornaram personagens históricas do carnaval brasileiro.

A presença africana está presente ainda na musicalidade, danças, expressão corporal das danças e rituais, cujas primeiras manifestações deles estão presente nos “pregões” dos escravos de ganho “ô sururu fresco”, vendedores de amendoim, castanha, ou no canto das musicas de “acalento”, no samba, nas cantigas de capoeira, nos cantos do lundu, (primeira manifestação coreograficamente executada por negros) dos cantos do Maracatu, com os reinados dos Congos, as congadas dos Batuques, do samba de roda, dos jongos, do Maculelê ou dos cânticos do candomblé, ou até dos cânticos religiosos da igreja católica em homenagem nas irmandades de negros de São Benedito, Santa Efigênia ou Nossa senhora do Rosário dos Pretos.

Uma das maiores contribuições ou legados culturais africanos a cultura brasileira e também alagoana é no campo da culinária que não apenas integração de novos ingredientes como cuscuz, o quiabo, o inhame, o abará, o acarajé, o angu, o bobó de camarão, cachaça e

sua confecção, a canja de galinha, a canjica, o caruru, o uso do óleo de dendê, o fubá, a garapa, uso do jiló, a confecção do mungunzá, uso do maxixe, o preparo do mocotó, o pé-de-moleque, o preparo da moqueca e dos pirões, o vatapá e o ximxim de galinha. São todos pratos, cardápios ou produtos de origem africana que foram reelaboradas pelas nossas queridas negras quituteiras que nos deixaram uma enorme herança de prazer alimenta e satisfação enorme, cujos pratos da chamada culinária baiana tradicional são uma prova incontestante do valor destes imenso e inestimável legado que Alagoas também recebeu de braços abertos pelo seu calor humano, espírito de luta, alegria de viver, superar sempre os desafios posto a sua frente e de um legado histórico inegável, que as 60 comunidades remanescentes de quilombos distribuídos pelos territórios alagoano que continuam na sua luta em busca por dias melhores e conquistas que os leve ao exercício pleno da cidadania.

Não esquecemos de aqui registrar também o legado africano nos nossos folguedos e danças de Alagoas com Maracatu, o Bumba meu Boi, o Reisado do Congo, Coco-de-Roda com suas umbigadas, na dança do Samba de Batuque, e outros gingados.

O Folclore não se limita apenas ao interior, está na vida urbana, fazendo parte da identidade, e das inúmeras expressões da sociedade, estando implícitas de maneira direta ou indireta na comida, artesanato, modo de vestir, na música, na arte, brinquedos, brincadeiras, festas populares. O já mencionado Museu Theo Brandão, pode ser compreendido como exemplo de resistência do saber popular, tornando o folclore um objeto de estudo.

Alagoas é um Estado rico em atividades folclóricas, temos 29 folguedos e danças populares, sendo um dos maiores do Brasil em quantidade, entre eles, tem folguedos natalinos, carnavalescos, *toré* e dança. A tabela abaixo, vem para deixar o trabalho mais didático, está organizada por ordem alfabética. Além dos citados a baixo, temos outros, como a Vaquejada e o Coco Alagoano.

Tabela 1: Folguedos populares Alagoanos³

Folguedos natalinos	Folguedos religiosos	Folguedos carnavalescos	Folguedos carnavalescos com estrutura simples	Os torés
Baianas	Mané do Rosário	Cambindas	Boi de Carnaval	Toré do Índio
Bumba meu Boi	Bandos	Negros da Costa	Ursos de Carnaval	Toré do Xangô

³ Tabela criada a partir: **FOLCLORE alagoano**: folguedos e danças. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/folclore-alagoano-folguedos-e-dancas.html>> Acesso em: 08/03/2021.

Cavallhada	—	Samba do Matuto	Gigantões (bonecos)	Rodas de adultos
Chegança	—	Caboclinhas	A cobra Jararaca	—
Fandango	—	—	—	—
Guerreiro	—	—	—	—
Maracatu	—	—	—	—
Marujada	—	—	—	—
Pastoril	—	—	—	—
Pastoril Profano	—	—	—	—
Presépio	—	—	—	—
Reisado	—	—	—	—
Quilombo	—	—	—	—
Traieiras	—	—	—	—

Alagoas por ter sua base econômica vindo das usinas, tem sua população em sua maior parte sem escolaridade e rural. Caracterizo esse fato como mais um estímulo para que seja fomentando o Folclore no Estado, pois a preparação os festejos folclóricos era um dos meios, ou para alguns, um único meio de lazer, nos barracões eram munidos de alegria. Enquanto a intelectualidade alagoana estava no Jaraguá, conversando, discutindo política e filosofia, os bacharéis, filhos da elite a classe trabalhadora se divertiam nos barracões do Bebedouro e Tabuleiro, criando ali um ponto de encontro das famílias, movidos a álcool e várias histórias.

Essa vivência no estado foi algo tão forte que virou nosso cartão de visita. Se a intelectualidade alagoana se destacou no cenário nacional, com suas invenções e o seu pioneirismo em inúmeras áreas, destaco aqui a Medica Alagoana Nise da Silveira, que revolucionou a medicina, com um novo método de clínica, utilizando a terapia ocupacional para obtenção de resultados para os pacientes esquizofrênicos, e também o Médico Arthur Ramos, de grande destaque, o escritor Graciliano Ramos, conhecido mundialmente, e outras personalidades emblemáticas, que promoveu uma verdadeira diáspora. Hoje, tendo um certo distanciamento dessas figuras e analisando a situação com um todo, arrisco a argumentar que essa dispersão contribuiu para a cultura alagoana ficar mais conhecida pelo Folclore, arte, cultura, as descobertas científicas.

Os intelectuais, escritores, médicos, músicos iam para o sudeste, deixando com os trabalhadores alagoanos, a missão de representatividade do Estado. Trago aqui algumas imagens atuais, do meu acervo particular, de uma visita ao Museu Théo Brandão.

Imagem 12: Bumba Meu Boi. Museu Théo Brandão. Fotografia Verônica Lopes Maceió, 8,15 cm x 14,82.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Imagem 13: Chapéis de Guerreiro. Museu Théo Brandão. Fotografia Veronica Lopes, Maceió, 2019. 8,38 cm x 14,8 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Imagem 14: Chapéis de Guerreiro. Museu Théo Brandão. Fotografia: Verônica Lopes, Maceió, 2019. 8,1 cm X 15,33 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Imagem 15: Chapéis de Guerreiro. Museu Théo Brandão, Maceió, 2019. 8,18 cm X 14,65 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essas imagens corroboram ainda mais para o discurso que venho argumentando no trabalho, em que a população alagoana ficou responsável pela confecção e a reprodução folclórica, em que a parte dos intelectuais nesse âmbito ficava mais para registrar esses festejos com um certo distanciamento. Até considero um avanço para uma sociedade

tradicionalista um intelectual sai do seu gabinete para pesquisar folclore, ter um acervo sobre tais temas, inúmeras fotos. Mas o incômodo que relato é que para os poderes do Estado, o folclore ficava apenas como objeto de pesquisa e não se viam como sujeitos atuantes nesse contexto, como conterrâneo dessa cultura.

II – GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA CULTURAL E RESISTÊNCIA

*Ô Maceió falado,
tô preparado
a minha rima é boa,
a minha Alagoas
é o meu natural*

(Canção do Guerreiro,
Mestre Manoel Venâncio)⁴

Otávio Brandão, primo de Théo Brandão, em seu livro “Canais e Lagoas” (1919) não mencionam sobre o Guerreiro e sim no Reisado como folclore de Alagoas. Já Arthur Ramos em seu trabalho “Folklore Negro do Brasil” (1930), publica sobre o Guerreiro alagoano. Aberlado Duarte (1974), faz uma análise desse período como mostra na citação:

(...) Otávio Brandão no seu esquema folclórico “Canais e Lagoas”, cuja primeira edição data de 1919, não alude aos “Guerreiros” citando quase todos os outros folguedos populares regionais. (...) Já Arthur Ramos em seu “Folklore Negro do Brasil” publica uma versão dos “Guerreiros, colhida nas Alagoas, a primeira, aliás, de que tenho conhecimento vinda a lume em livro. Calcula Théo Brandão (..) que, antes dessa época, não havia “Guerreiros”, porém sim, o “Reisado”. Creio que o auto é de data ainda mais recente. Não tenho lembranças de haver visto dançar “Guerreiros” antes de 1930. Parece que a imprensa não registra o folguedo anteriormente a essa época. Deve ser da década de trinta, pois, sabendo-se que a edição primitiva de “Folk-Lore Negro do Brasil” é de 1935. Nesse sentido destaco que temos a primeira referência sobre o Guerreiro Alagoano (DUARTE, 2010, p. 295).

O primeiro registro oficial que se tem sobre o guerreiro, é de 1954, quando ocorreu a apresentação de um grupo de Reisados em São Paulo, em um congresso sobre Folclore. Um dos dilemas de diálogos entre os intelectuais de cultura alagoana no estado é essa transição de Reisado para Guerreiro.

O nome é bem sugestivo, Guerreiro vem de Guerra, e Alagoas foi palco de grandes revoluções, o seu próprio desmembramento do Estado Pernambuco é caracterizado como Revolução de 1917. Temos uma região que suas bases foram construídas em torno de Disputa de poder. Farei um breve Histórico sobre Alagoas no item posterior para podemos entender melhor a representatividade dessa dança religiosa, que envolve questões políticas e sociais (BARROS, 2005, p. 249).

⁴ O Mestre Manoel Venâncio de Amorim nasceu no Povoado de Monte Alegre em Capela, Alagoas, no dia 20 de abril de 1924 e faleceu em 2008, em Maceió, Alagoas. Filho de Cícero Venâncio de Amorim e de Antônia de Amorim. Pedreiro de profissão, em 1945 veio residir em Maceió, no bairro de Bebedouro, onde começou a dançar no Guerreiro do Mestre João Rosa. Faleceu em 20 de abril de 1924.

O Guerreiro tem sua representatividade no nascimento de Jesus, Tendo assim um caráter natalino. Interessante destacar que sua origem foi difundida nos meios populares, porém a parti dela, foi aberto um leque de análises para nomes da antropologia e do Folclore Alagoano, se apropriar desse universo, de uma maneira, analítica. Ressalto outros tipos de danças populares como: Os Caboclinhos, O Auto dos Congos, Pastoril, As Cheganças e o Bumba-meu-boi. O Mestre Théo Brandão:

Em Alagoas o auto sincretizou-se com outro folguedo, o Auto dos Congos ou Reis de Congos, sendo também um Reisado, passou a apresentar maior riqueza e encanto em sua indumentária, em sua música e coreografia, tornando-se assim, diferente em certos aspectos das versões de outros Estados (BRANDÃO, 2007, p. 3).

O Guerreiro de Alagoas é único com as suas particularidades, desde a sua origem até a difusão dos dias atuais, é algo visível na sua originalidade, que a todo tempo nos fazem lembrar do cristianismo europeu e das missões Jesuítas no Brasil, devido ao seu grande teor, em cima de um discurso que enfoca o nascimento de Jesus. Théo Brandão era enfático, ao afirmar que era um reisado moderno. Coincidência ou não, o reisado também é um folguedo de mistura de outras manifestações artísticas e culturais. Há um personagem comum no Reisado e no Guerreiro, é o Mateus, que representa a alegria e o papel de animar a plateia e os outros brincantes, esteticamente ele se pinta de carvão, para dá a impressão de ser negro e, segundo os mestres de guerreiros ele representa o negro fugitivo (DUARTE, 2010, p. 317).

Os personagens dos Guerreiros são: Rei, Rainha, Lira, Índio Peri e seus vassalos, Mestre e Contra Mestre, General, Catirina, Estrela Republicana, Estrela Brilhante, Estrela de Ouro, Sereia, Caboclinho, Palhaço, Mateus, Borboleta, Banda da Lua, Boi e por fim as figuras, que “apenas” cantam e dançam para dar beleza ao Guerreiro, possuindo em média 36 personagens (BRANDÃO, 1976, pp. 3-4).

As vestimentas do Guerreiro é algo vibrante, roupas coloridas, diversas estampas chamativas, a utilização de muitas fitas e muito brilho, um excesso de adereço, os chapéis na cabeça enormes, feitos de espelhos que chegam a pesa 10 a 15 quilos, tudo isso é proposital, é para ser identificável e mostrar sua majestade e poder, representando a realeza, o Brasil Colônia e Império e todo o seu luxo, e exagero. Lógico, que esta estrutura tem que entrar no orçamento econômico do grupo, geralmente eles customizam as vestimentas nos barracões onde são feitos os ensaios, ou na residência do próprio mestre. Ao longo dos anos, o estilo das roupas não teve mudanças significativas, mantendo o mesmo padrão. Outro fato marcante é que apesar dos chapéus terem a forma de Igreja, e o Guerreiro por ser uma manifestação artística que seu dia principal para a dança, é o dia de Reis, uma festa cristã, o folclorista Théo

Brandão confirmou ser em sua essência, e com características predominantes de origem africanas, relembrando os rituais praticados pelos negros escravizados (BRANDÃO, 1976, pp. 3-4).

A questão do gênero na dança é bem marcante, pois há uma diferença na posição e nas vestimentas, por exemplo, Homens usam calção ou culote de cetineta e as mulheres saiete da mesma fazenda. E o figurino também vai variar de acordo com o papel na dança, o General um uniforme militar, brim branco de algodão, dragonas. O rei e Rainha usam a coroa, figurantes usam diadema. Os índios usam calções sob a tanga de penas, cocar, braçadeiras e perneiras de penas, camisa de meia justa, cor vermelha ou ocre (DUARTE, 2010, pp. 301-303).

A diversidade de cantos e danças são infinitas, cujos temas são diversos, desde política, agricultura, cultura até coisas do cotidiano, mas há um maior destaque para as coisas relacionadas ao sentimento, como ódio, amor, paixão, gratidão.

Por ter um caráter natalino, de cunho religioso, suas apresentações são feitas entre os dias 24 de dezembro a 06 de janeiro. Percebe-se que as manifestações culturais, estão todas em volta de uma perspectiva religiosa. Mario de Andrade é brilhante em sua análise, ao citar como isso se deu ao longo dos anos, tornando algo enraizado na cultura alagoana.

Meu modo de pensar é que as danças populares brasileiras derivam, pois tecnicamente de três tradições básicas: 1- O costume do cortejo mais ou menos coreográfico e cantado, em que coincidam as tradições pagãs de Janeiras e Maiois, as tradições profanas cristãs das corporações proletárias e outras, os cortejos reais africanos e as procissões católicas com folias de índios, pretos e brancos. 2- Os vilanciscos religiosos, de que os nossos Pastorais, bem como as Reisadas portuguesas, são ainda hoje formas desniveladas popularescas. 3_ Finalmente os brinquedos populares ibéricos, celebrando a luta de cristãos e Mouros (ANDRADE, 1982, p. 33).

2.1 Do início aos dias atuais: aspecto histórico do Guerreiro

O guerreiro, como já foi citado aqui é uma mistura de outras expressões folclóricas e, pois, nos abre para um leque de representações e análises a respeito da diversidade cultural brasileira e toda sua criatividade e capacidade de surpreender, construir e desmistificar.

Durante a apresentação, há uma parada para os *entremeios*, que são pequenos atos cênicos, que está presente no bumba meu boi. Existindo também toda uma organização que na minha primeira impressão não é bem visível, mas com um olhar mais delicado, conseguimos enxergar toda uma estrutura de organização em volta da dança. São essas:

A) Peças: uma sequência de cantigas dançadas desenvolvida no grupo de Guerreiro;

- B) Marchas: e representações constituídas de entremeios e partes: que são marcha da rua, Cantos:
- C) Danças de abrição de portas é coreografia das apresentações desenvolvidas no grupo para publico;
- D) Entrada de sala são os versos cantados, as rimas apresentadas, para Adoração ao Divino já que são folguedos natalinos e faz homenagem ao senhor Jesus no mês de dezembro;
- E) Despedida a rainha e o mestre sala, agradece ao aos santos, nossa senhora, nosso senhor e ao publico.

Como em quase toda dança folclórica existe um mentor, um principal que conduz todo o cortejo, direcionando as posições, os ritmos e os cantos, no guerreiro esse sujeito é o mestre, que utiliza um apito, para comandar a dança. Existindo também o contra mestre, que é uma figura importante também, sendo o aprendiz do mestre, em algumas situações podendo substituir, como vemos existe toda uma logística em torno da dança, conforme descreve Cláudio Antônio Santos da Silva:

Os personagens centrais vão contando as histórias que são cantadas, assim o espetáculo constitui-se por uma sequência de músicas dançadas, chamadas de Peças que são antecedidas e finalizadas por cantigas e danças características do Reisado e intercaladas pelas Marchas, músicas cantadas ou não, a qual o sanfoneiro toca acompanhado por um tambozeiro, um tocador de triangulo e o grupo executa a coreografia. Na sequência acontecem as Partes, as Embaixadas e os Entremeios. No início do espetáculo os membros do Guerreiro rezam o Divino, parte que ajoelham e homenageiam Jesus Cristo. Esse ato de adoração ao Divino é ritualístico, é um agradecimento espiritual. Abaixo segue uma Louvação ao Divino (SILVA, 2017, p. 50).

Durante o espetáculo, o mestre faz algumas Embaixadas, e transparece que naquele momento ele é uma figura de autoridade na dança, porém, outros personagens como o índio Peri, e a estrela de ouro tem sua vez de ser protagonista, intercalando os protagonistas, e me parece que todos utilizam em algum momento de um papel central, tendo vários núcleos, tirando personagens que na logística normal estaria à margem da dança, acredito esse ser um grande diferencial do Guerreiro alagoano:

Dando seguimento a descrição da prática espetacular do Guerreiro ocorre as Peças(músicas) de entrada da Guerra. Esta parte substitui a guerra dos Reisados ocorrendo a prisão, e por vezes, a morte de um guerreiro inimigo. A parte da guerra ainda se mantém na dança atualmente com o Mestre recitando algumas Embaixadas havendo a luta de espadas pelos brincantes. No entanto, nesta cena de guerra, havia uma série de Embaixadas entre o Índio e os seus Vassalos e os personagens principais como Embaixador, General, a Rainha, a Lira, as Caboclas (SILVA, 2017, p. 50).

Um dos pontos auge da Dança é a morte da Lira, que na realidade não está morta apenas ferida, e é encontrada no desenrolar do enredo por Mateus, o bobo ou o palhaço. Interessante que o termo Lira é uma depreciação da palavra Lilia, nota-se a maneira simples de como a dança é conduzida e a linguagem bem característica da população nordestina, traços esses bem marcantes em toda dança.

2.2 Raízes estética e cultural

O guerreiro tem suas particularidades, que dá todo o charme para a apresentação, particularidades essas, que vai deste o sapateado, passando pelo canto e terminando com algo teatral, uma verdadeira arte, peculiar e bastante original. Claudio Antônio Santos da Silva descreve o Guerreiro alagoano da seguinte maneira:

No desenrolar da apresentação temos partes cantadas e dançadas; as Embaixadas ou as partes declamadas ou Chamadas de Reis; e as curtas representações Dramáticas que são denominadas de Entremeios ou Figuras em sua formação. Nesta formação do Guerreiro Alagoano as Peças são dançadas num sapateado típico em dinâmicas de movimentos pelos brincantes. As Embaixadas são os etnotextos que costuram o desenvolvimento desta prática espetacular definindo-se como o roteiro narrado pelo Mestre, geralmente em rimas ou versos poéticos (SILVA, 2017, p. 41).

Existindo todo um ritmo próprio, foi ganhando espaço na cultura e no meio folclórico, as cenas de guerra dá toda uma personificação à apresentação, e foi esse aspecto de guerrear, que foi tendo aceitação, devido ao histórico de guerras do Estado alagoano, inicialmente foi conhecida como auto do Guerreiro, hoje é conhecida como O Guerreiro de Alagoas é notório que no guerreiro se utiliza as espadas, pois representar essa guerra de espadas que teve no passado no período escravidão. A maioria dos integrantes do Guerreiro São Pedro Alagoano utiliza, assim como os demais Guerreiro preserva essa história de lutas.

O enredo do Drama, é em torno da figura do índio Peri, que chega no arraial dos Guerreiros e tem que ser batizado obrigatoriamente. Há fatos históricos, embalsados no drama dessa manifestação, em torno de um batizado de um índio fora da sua tribo, dar possibilidade para trabalharmos alguns pontos didáticos, não só os professores em sala de aula, mas a sociedade pode analisar esses conflitos e esses fatos históricos, de maneira que acrescente em suas relações pessoais. Apesar de não ser uma manifestação predominante indígena, tem vários elementos, outro fator que norteia é a própria dança. No Guerreiro, o sapateado é a principal dança, sendo o sapateado elemento forte da tradição indígena, presente nos seus rituais sagrados.

O Guerreiro Alagoano, é memória viva das tradições do nosso povo, na sua dança, no comportamento, nas vestimentas, em cada detalhe dessa manifestação folclórica podemos fazer um link com as vivências ocorridas em Alagoas, em diferentes épocas. Traz uma estética poética, e todo um conhecimento histórico, filosófico e popular, que muitas vezes não é percebido pelos próprios brincantes, porém com um olhar mais profissional, como de um historiador, é fácil identificar toda essa narrativa, em volta do Guerreiro. O próprio barracão, onde são realizados os ensaios e confecciona as roupas é um lugar de memória por excelência. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A memória do Guerreiro ultrapassa o tempo, enraizado não apenas a cultura alagoana e brasileira, mas chega a vivência familiar, de maneira que fecunda as relações dos parentes consanguíneos, e os fazem se sentir pertencentes a um grupo, compondo uma relação de confiança (HALBWACHS, 1990, p, 26). As famílias que participam do guerreiro juntas, compõem uma personalidade que reflete em grau de responsabilidade uns com os outros. Porque cria uma memória afetiva, que o acompanha na sua formação, exercendo uma função social. Lídia Baumgarten, “Tecendo Destinos” ressalta que “quando algo compartilhado por um grupo perde o sentido, surge o apelo para preservação da memória. Tanto a memória coletiva quanto a memória individual passam pelo aspecto social” (BAUMGARTEN, 2010, pp. 29-30). Neste contexto os integrantes procuram preservar a memória.

2.3 O guerreiro de São Pedro Alagoano: música e dança

O Guerreiro São Pedro Alagoano exibe uma série de quadros musicais, denominados de peças e partes, que são apresentadas ou narradas pelos protagonistas. O mestre é a pessoa que organiza, ele é o figurante principal dentro do guerreiro e quando estão se apresentando em público tira “**as Embaixadas**”, exemplo “**diálogo cantado**”, que são “**rebatidas pelo brincante**” Mateus que desenvolve as peças de cantoria para seguimentos dos demais brincantes que seguem em coro e dançam. No Guerreiro São Pedro Alagoano é uma mulher contramestre. Ela é aprendiz e substitui do Mestre em alguns momentos que ele precisar.

Os temas das peças (músicas cantadas) falam sobre diversas temáticas tipo: amor; amizade; acontecimentos sociais; enfim, trazem fatos para enriquecer sua música e dança. Em suas apresentações o Guerreiro São Pedro alagoano inicia sua apresentação com a música do personagem Estrela de Ouro com a seguinte letra do livro de Abelardo Duarte (2010, p. 298):

Eu sou a Estrela de Ouro
 Boa noite venho dá
 Quero sabê se aqui festeja
 Hoje é noite de Natá
 Eu sou a Estrela de Ouro
 Com prazer e consolação
 Quero Sabê se aqui festeja
 A Virgem da Cunceição
 Eu sou Estrela de Ouro
 Com prazer e alegria
 Quero saber se aqui festeja
 Jesus, filho de Maria.

E assim inicia suas apresentações que vão cantando as histórias em versos, e envolvendo o público na dança. Antes da apresentação eles rezam e homenageiam Jesus Cristo, já que suas apresentações iniciam no mês de dezembro.

Na dança o objeto mais utilizado pelos brincantes é a espada, os únicos que não utiliza são o palhaço e Mateus. A espada está presente nos ensaios e nas apresentações em público. A dança é algo que chama bastante atenção, pois os brincantes com a espada em punho simbolizando uma defesa, nos remete a luta dos escravos no quilombo do Palmares, em garantia de sua liberdade, a coreografia com a espada traz uma leveza e ao mesmo tempo uma pisada forte dos pés, leveza por se tratar uma arma e trazendo encanto na roda de dança.

Cada brincante do Guerreiro São Pedro Alagoano possui sua própria espada, elas são decoradas com fitas coloridas a confecção das espadas é feita com madeira e revestidas de alumínio. No momento em que se simula um combate de espadas, os brincantes se dividem em duplas, para que a disputa inicie. As demonstrações normalmente são dos brincantes encostando as espadas dançando e declamando uma pequena poesia sobre as razões do confronto encenado.

A performance dos brincantes é diversificada, pois cada dança tem um drama, com isso, a dança torna-se variada. Saber dançar e manusear a espada é importante para que as pessoas, de dentro e de fora da apresentação, percebam o que está acontecendo.

A dança traz um movimento corporal muito importante, pois os brincantes incorporaram a essência de um combate. A embaixada é a ocasião em que os brincantes expressam sua devoção para algum santo e se apresentação for, em uma paróquia eles homenageiam aquele Santo.

2.4 A Preservação das Tradições ou a Ressignificações dos Grupos Guerreiros

As contribuições tanto do mestre como dos brincantes consistem na resistência de luta de permanecerem vivos com sua arte com sua história do folguedo. Permanecendo com sua essência de décadas passadas rompendo a barreira do tempo revoando com suas vestes, cada vez mais chamativas brilhantes e coloridas encantando olhares de novas gerações:

Acreditava que a competência do historiador se devia ao fato de que somente ele podia interpretar os traços materiais do passado, seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados (FERREIRA, 2002, p. 315).

Segundo umas das entrevistadas para o trabalho, a senhora Maria Helena da Silva, conhecida como Marlene, responsável e coordenadora do Guerreiro São Pedro Alagoano, passou a coordenar depois que o senhor Juvenal Domingos, ficou seriamente doente.⁵

O mestre Juvenal Domingos recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas em 2010, o Guerreiro de São Pedro Alagoano foi criado em 1998 pelo próprio Juvenal e sua falecida esposa a senhora Maria José que formavam o casal de Rei e Rainha do Guerreiro de São Pedro Alagoano.

É um grupo tradicional composto por 27 pessoas de idades entre 5 a 90 anos, os ensaios sempre ocorrem na casa da dona Marlene na Avenida Denilma Bulhões, 152 A, Conjunto Luiz Pedro I, Petrópolis, Maceió/ AL., Os ensaios quando todos os brincantes estão presentes não cabendo na casa da senhora Marlene, pois devido o espaço da casa ser pequeno, então eles vão para paróquia São Pedro no Conjunto Luiz Pedro no bairro Petrópolis ensaiar, os ensaios ocorre duas vezes ao mês, como o mestre que não é daqui do bairro e sim da cidade da Chã do Pilar, “há uma grande dificuldade tanto no horário” já que o mestre paga pela sua vinda até a cidade de Maceió e ela para o retorno do brincante para sua casa, segunda dona Marlene, o mestre paga a vinda até cidade e ela paga o retorno do brincante para sua casa.

Há uma forte dedicação e amor pelo que cada um faz, não medindo as distancias, dos percursos, nem recursos financeiros envolvidos para se dedicarem a demonstrar sua arte e seus encantos, senhora Marlene traz o relato da primeira experiência com o guerreiro e a chegada dela no Guerreiro São Pedro Alagoano, como pode ser conferido a seguir:

Olhe quando eu comecei a dançar o Guerreiro eu tinha 13 anos, ai brinquei dos 13 até meus 15 anos no interior em uma fazenda no município de São Luiz do Quitunde, eu brinquei quando foi depois eu me casei, aí não brinquei mais, tive que

⁵ SILVA, Maria Helena. **O Guerreiro São Pedro Alagoano**. [dez. de 2019]. Entrevistador: Verônica Lopez dos Santos. Maceió. 2019. 1 arquivo. mp3 (08 mim).

cuidar de filhos de marido, daí não brinquei mais de Guerreiro, mas sempre tinha aquela vontade, aquela paixão de brincar né? Aí quando vim morar aqui em Maceió, aí quando cheguei aqui no conjunto tinha esse Guerreiro que é do seu Juvenal Domingos, ele está vivo, só que muito doente, aí eu cheguei e brinquei oito anos, mas ele aí foi tempo, que a esposa dele faleceu, daí ele disse Marlene vou deixar você tomando conta do Guerreiro e como rainha, aí eu disse oh seu Juvenal e eu tenho competência pra isso? Tem sim, eu tenho certeza! Aí eu disse tudo bem! Então ele me entregou a liderança, ainda brincamos um ano juntos, aí depois que a esposa dele faleceu, ele disse o Guerreiro São Pedro Alagoano é seu, tome de conta, só não deixe a armadura cair e eu disse de jeito nenhum, eu fiquei “torduada”, eu disse rapaz vai dar certo? Ele disse vai sim! Aí ele adoeceu perdeu uma perna. Fiquei com o guerreiro botei pra frente com as meninas, juntei as meninas que brincava com ele, e a gente começamos brincando; brincando aí teve gente que disse esse não vai pra frente não! Aí hoje em dia meu Guerreiro está muito bonito, muito lindo viu⁶.

A conservação da arte e do folclore de um povo que preserva e mantém seus valores e sua cultura “**não deixar cair no esquecimento**”, mas repassado de geração a geração: “A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente⁷.”

2.5 As contribuições de Mestres e brincantes para preservação da tradição

A maior colaboração que a comunidade dá é o incentivo em permanecerem divulgando sua arte, esse é o maior e o melhor incentivo a comunidade é de pessoas carentes e não tem condições de custear o grupo.

Quando o grupo Guerreiro de São Pedro Alagoano se apresenta eles são as estrelas locais, tanto os turistas prestigiam, quanto os moradores dos bairros e cidades onde apresentam. Sempre pedem para tirar fotos, como pedem Bis nas apresentações, esses incentivo só aumenta o desejo de permanecerem a divulgar o amor a sua cultura. No dia 15 de dezembro de 2019 iniciou as apresentações folclóricas na Praça Multieventos das 17 h às 22h de apresentações, foram 17 dias de exposições dos folguedos do Estado de Alagoas, como mostra as imagens abaixo:

⁶SILVA, Maria Helena. **O Guerreiro São Pedro Alagoano**. [dez. de 2019]. Entrevistador: Verônica Lopes dos Santos. Maceió. 2019. 1 arquivo. mp3 (08 mim).

⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. cit., p. 321.

Imagem 16: Natal dos Folguedos, Praça Multieventos, Maceió, 2019, 9,0 cm X 14,34 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora da autora.

Em dezembro foi aberto às festividades dos folguedos natalinos, o pastoril, Guerreiro, Bumba meu boi, as Baianas se apresentaram como muita alegria e animaram o público, esse foi a entrada do evento.

Imagem 17: Pastoril de Belém da Chã da Jaqueira, Maceió, 2019, 9,00 cm X 14,03 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O Pastoral de Belém da comunidade do Bairro da Chã da Jaqueira foi o primeiro a se apresenta, as senhorinhas animaram pareciam crianças dançavam e cantavam pra gente grande, a foto em sim representam harmonia, simpatia e gentileza ao ceder às imagens.

Imagem 18: Guerreiro São Pedro Alagoano, Maceió, 2019, 7,77cm X 12,09 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Guerreiro São Pedro Alagoano, de armas em punhos e elegância na dança foi assim apresentação com muita animação e pisada forte nos pés.

Imagem 19: Guerreiro São Pedro Alagoano, Maceió, 2019, 8,55 cm X 11,11 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Antes da apresentação do Guerreiro São Pedro Alagoano, tive momento de descontração tirando fotos e rindo com o senhor Manoel que é o palhaço do grupo e ao meu lado a contramestre.

Imagem 20: Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió, 2019, 9,65 cm X 12,25 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Parte dos integrantes do Guerreiro São Pedro Alagoano posando para foto, no centro da imagem tem o puxador do grupo.

Imagem 21: Rainha Marlene do Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió, 2019, 7,45 cm X 9,67 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com sua majestade a Rainha do Grupo do Guerreiro São Pedro Alagoano, dona Marlene, sempre cordial com as pessoas, chama carinhosamente de meu amor.

Imagem 22: Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió 2019, 8,42 cm X 8,14 cm.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Apresentação no palco com o grupo Guerreiro São Pedro Alagoano, foi encenado com muitas pisadas de pés, com espadas nos punhos e a boca com cântico. Grupo tem duas crianças e um adolescente, os demais integrantes são de adultos e idosos cheios de alegrias e animação.

Imagem 23: Guerreiro São Pedro Alagoano. Maceió, 2019, 8,59 cm X 9,57 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.6 Análise da permanência das tradições e das transformações da sociedade alagoana

Durante certo tempo o Estado de Alagoas não se tinha políticas de investimentos financeiro para conservação e manutenção dos grupos folclores como ajuda de custo nos gastos de vestuários e no traslado das apresentações em determinados local, segundo a senhora Marlene: “Olhe há oito anos que tomei conta desse guerreiro nunca recebi nada, nada do Governo, tudo é do meu bolso e do meu esposo, eu gosto muito, eu invisto muito no meu guerreiro, porque eu só gosto dele bonito e arrumado”⁸.

Esse ano 2019 foi que teve ai esse negócio do edital ai eu fui [sic]”contemprada”[sic], ai foi que eu comprei algumas coisas, nem dá pra comprar as coisas toda pra deixar bem caprichado, que está precisando, mas nunca recebi nada, nada de secretaria nenhuma tudo é do meu bolso e do bolso do meu esposo⁹”. No edital de 2019 (em anexos) comprova o ano onde o grupo Guerreiro São Pedro Alagoano foi contemplado com ajuda. Com a classificação do Guerreiro São Pedro Alagoano neste edital, os integrantes tiveram uma ajuda financeira para confeccionar suas roupas, lembrando que a ajuda é bem-vinda, mas não é o bastante, a dona Marlene contribui financeiramente comprando itens para confeccionar os chapéus em miniaturas das catedrais de Alagoas, assim vendendo e tendo fluxo no caixa.

Na casa da senhora Marlene passou a ser um pequeno ateliê como mostra a imagens:
Imagem 24: Ateliê e casa da senhora Marlene, Fotografia: Verônica Lopes Maceió, 2019, 7,26 cm X 11,54 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁸SILVA, Maria Helena. **O Guerreiro São Pedro Alagoano**. [dez. de 2019]. Entrevistador: Verônica Lopes dos Santos. Maceió. 2019. 1 arquivo. mp3 (08 mim).

⁹ SILVA, Maria Helena. **O Guerreiro São Pedro Alagoano**. [dez. de 2019]. Entrevistador: Verônica Lopes dos Santos. Maceió. 2019. 1 arquivo. mp3 (08 mim).

Sala da casa da dona Marlene e ateliê, onde são confeccionadas as roupas e os chapéus do grupo e recebendo encomendas de miniaturas e tamanho real de chapéu, tendo uma renda extra para o caixa.

Imagem 25: Ateliê e casa da senhora Marlene, Maceió, 2019, 9,99 cm X 10,41 cm.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Todas as roupas do grupo do Guerreiro são confeccionadas na residência da dona Marlene, feitas com capricho, simplicidade e muito amor, não só para os integrantes, mas para demonstrar o melhor da cultura folclórica do Estado de Alagoas por meio seus vestuários:

Precisamos, pois, propiciar, por meio do ensino em todos os níveis, o conhecimento de nossa diversidade cultural e pluralidade étnica bem como a necessária informação sobre os bens culturais de nosso rico e multifacetado patrimônio histórico. Só assim estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural e cidadã e formando cidadãos brasileiros cômicos de seu papel como sujeitos históricos e como agentes de transformação social (FERNANDES, 2005, p. 386).

2.7 Proposta de como trabalhar com o Guerreiro Alagoano em sala de aula

Irei mostrar como sugestão de atividades para o docente que deseje trabalhar com essa temática a história da cultura folclórica de Alagoas, uma didática, plano de aula.

Curso de História

Plano de Aula

Professora: Verônica Lopes

Disciplina	Carga Horária	Ano/ Turma	Série
História da cultura de alagoana	30 horas Terça 08:00h - 11:00h	2019.2 B	8º e 9º Ano

Ementa:

Apreciação da relação entre educação, comunidade e cultura alagoana, buscando um aprofundamento nos conceitos fundamentais, como: enaltecimento e reconhecimento da cultura alagoas, formação da cultura do Guerreiro, cultura. Unindo cultura e história, a disciplina exibira um quadro geral sobre as importantes manifestações artísticas e culturais realizadas em Alagoas ao longo de seu processo de formação. Além ressaltar a produção literária, imagética, musical, dramática, acontecerá espaços para discussão de diversas outras manifestações culturais populares, com destaque em movimentos artísticos.

Objetivo

- Saber a história de construção da cultura alagoana no folgado do guerreiro;
- Conhecer as principais manifestações de dança, folguedos e rituais da cultura popular de Alagoas;
- Conhecer a manifestação poética mais comum da cultura do guerreiro;
- Verificar manifestações folclóricas em diferentes áreas da cultura como: artesanato, música. Dança;
- Estudar as fontes essenciais da cultura moderna de Alagoas;

Conteúdos:

- a) Edificação da cultura do guerreiro alagoano;
- b) História da formação de Alagoas;
- c) Cultura popular: o Guerreiro;
- d) Música e suas provocações.

Cronograma de Aulas:

Data	Conteúdo Programático
07/out	Exibição da proposta da disciplina - panorama da cultura alagoana – Guerreiro
14/out	Construção da cultura Alagoana. BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna . Europa 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
24/out	História da dança e poesia de Alagoas. FARO, Antônio José. Pequena História da Dança . 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; MOLITERNO, Carlos. Notas sobre poesia Moderna em Alagoas (Antologia) . Maceió: S/Id/Ed, 1965.
28/out	História da formação da Alagoas. LINDOSO, Dirceu. Formação da Alagoas Boreal . Maceió: Catavento, 2000.
04/nov	Cultura popular (Guerreiro). BRANDÃO, Théó. O Reisado Alagoano . Maceió: Eudfal, 2007. BRANDÃO, Théó. Folguedos natalinos: pastoril . 2 ed. Maceió: Prodasec- SEC, 1982.
07/nov	Extraclasse: elaboração dos seminários - pesquisa de campo.
11/nov	Seminário - Literatura alagoana (artesanato alagoano)
14/nov	Seminário - Folguedos popular de Alagoas (Música e dança popular de Alagoas)
18/nov	Socialização das apresentações dos alunos dançando o guerreiro com o profissional do guerreiro, como troca de interação.

Metodologia:

As aulas acontecerão de forma presencial. Com apresentação de seminários com temas voltados a disciplina. Grupos de danças típicas de Alagoas. Finalizar socializando as atividades dos alunos.

- As aulas expositivas-dialogadas ocorrerão com debates dos textos: Cultura popular na idade moderna de Peter Burke, pequena história da dança de Antônio José Faro, formação de Alagoas de Dirceu Lindoso, o reisado de Alagoas de Théó Brandão.

Para preparar os seminários, dividir a classe em quadro grupos e responsabilizar cada um deles a enaltecer elementos características do guerreiro de um bairro de Maceió: um grupo

que se dedique a música, outro artesanato, literatura e a dança. Cada grupo deve construir um mapa conceitual do conteúdo pesquisado para entregar para professora. Outro grupo específico ficará responsável em organizar todo material dos e montar grupos de Guerreiros para fazer disputa na apresentação com as estrofes cantadas;

- A aula a distância ocorrerá com pesquisa de campo realizada por cada grupo, acompanhada pela professora, para tirar eventuais dúvidas, sugestões e troca de opiniões com os alunos, para o desempenho da dança e das músicas que o mestre provoca com os espectadores.
- As etapas realizadas com os grupos na última aula, a professora socializará com a turma as apresentações conceituais dos grupos desenvolvidos dos guerreiros com elementos característicos apresentáveis do folgado.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá de forma processual centrada: na participação das discussões em sala de aula das leituras trazidas dos livros apresentados no decorrer da disciplina em sala; no desenvolvidos de cada grupo apresentado de guerreiro às apresentações pontuará.

Bibliografia

BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos**: pastoril. 2 ed. Maceió: Prodasec- SEC, 1982

BRANDÃO, Théo. **O Reisado Alagoano**. Maceió: Edufal, 2007.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. Europa 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

FARO, Antônio José. **Pequena História da Dança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LINDOSO, Dirceu. **Formação da Alagoas Boreal**. Maceió: Catavento, 2000.

MOLITERNO, Carlos. **Notas sobre poesia Moderna em Alagoas (Antologia)**. Macei: S/Id/Ed, 1965.

Assim finalizo o plano de aula com as temáticas apresentadas para serem desenvolvidas com meu alunados, trabalhando com as referências discutidas em sala e desenvolvidas na pratica com a dança do Guerreiro.

III CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada explanou acerca do Guerreiro São Pedro Alagoano, como o início do folclore e sua história, passando por seu nascimento no Estado de Alagoas, dando ênfase para o bairro Petrópolis, Maceió/AL. Foi apresentada nesta pesquisa, a necessidade de uma maior divulgação para intensificar a visibilidade deste folguedo, fomentando a presença de tal manifestação artística dentro da cultura alagoana, mostrando a todos os públicos interessados, que não só como Paraíso das Águas Maceió deva ser conhecida, mas também por suas tradições artísticas representativas. Alagoas pode ser considerada como uma região com muita diversificação de Folguedos.

O Guerreiro, como resultado da fusão de Reisados Alagoanos, exerce uma relação muito forte com a religiosidade, retratado não apenas na estrutura das suas apresentações, mas, também, nas suas indumentárias, vestimentas e alegorias. Apesar das suas influências e importâncias para o cenário cultural alagoano, esse folguedo enfrenta dificuldades na sua transmissão contemporânea e esbarra na falta de motivação em dar seguimento nesta tradição. Nesse contexto, os grandes mestres do Guerreiro são resultados de continuísmo da tradição familiar na manifestação desse folguedo.

O aprofundamento nas pesquisas, no contato com grupos de Guerreiros, entrevistas, etc. que contribuiram para a produção deste trabalho, conduziu-me à reflexões sobre o papel das manifestações culturais na sociedade alagoana, principalmente, e o quanto a falta de motivação e de continuidade das tradições culturais contribuíram para a extinção de diversos grupos, apesar de todo seu contexto histórico.

Várias dificuldades são enfrentadas pelos membros para manter viva essa manifestação. Uma delas está relacionada à falta de apoio das políticas públicas de órgãos interligados à cultura. Outra dificuldade, e bem marcante, se trata da sociedade moderna contemporânea. A grande variedade de eventos sociais atrativos influencia o desvio de interesse e motivação na participação de membros em grupos de folguedos e continuidade da cultura do folclore. Foi notório que os mestres antigos, ainda vivos em nossa sociedade, já não apresentam condições físicas, decorrente de suas faixas etárias ou condições de saúde, de manter esta tradição.

O desenvolvimento deste trabalho conduziu à reflexão de que é necessário mais do que incentivo das políticas públicas para manter viva as manifestações do Guerreiro, é necessário um trabalho social conscientizador, não só para expressar as riquezas e

particularidades do Guerreiro, mas a sua influência e papel na sociedade e na valorização da cultura dos povos.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Abelardo. **Negros Muçulmanos nas Alagoas (Os Malês)**. Edição Caeté: Maceió/Alagoas Brasil, 1958.

ALMEIDA, Lúcia Helena Henling. **Danças circulares sagradas**: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem Junguiana. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ALMEIDA, Luiz Sávio. **Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2006.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro Fundação Editora FGV 2010 (Coleção de Bolso – Série Histórica nº 15).

ANDRADE, Mário. **Danças Dramáticas no Brasil**. São Paulo: Itatiaia, Instituto Nacional do Livro, 1982.

ARAÚJO, Carolline Perreira de. **O folclore musical infantil brasileiro na ampliação do repertório cultural das crianças na Educação Infantil**. Monografia (Especialização em Docência na Educação Infantil) - Nucleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013,

BARBOSA, Ana Maria. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. in: **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 3, nº 7, pp. 170-182, set. /dez de 1989. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>>.

BAUMGARTEN, Lídia. **Tecendo Destinos**: a inserção de imigrantes alemães e seus descendentes na Colônia Riograndense - Maracá/SP. - (1950-1990). 207pp. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

BENJAMIN, Roberto. Folclore no Terceiro Milênio. In: **Anais do IV Seminário de Ações Integradas em Folclore**. Comissão Maranhense de Folclore. Boletim n.º 21, dezembro de 2001.

BENJAMIN, Roberto. O conceito de folclore. In: **Projeto Encontro com o Folclore**, São Paulo, Unicamp, 2001. Disponível em:<https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf> Acesso em: 08/03/2021.

BRANDÃO, Ana Paula. **Memória da Palavras**, Rio de janeiro 1ª edição, Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. Arapiraca: EDUFAL, 2004.

BRANDÃO, Theo. **Folgedos Natalinos**: Guerreiro. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1976. (Coleção Folclórica da UFAL, 26).

BRANDÃO, Théo. **O Reisado Alagoano**. Maceió: EDUFAL, 2007.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm> Acesso em: 08/03/2021.

BRITO, Beto. **Pequeno ABC das Expressões Afro-Brasileiras de Cordel**. Recife Ed. Construir 2009.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARISE, Iracy. **Arte Negra na Cultura Brasileira: Mascaras Africana**. Edição da autora Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação Histórica de Alagoas**. Maceió, Grafitex, 1982.

CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação Histórica de Alagoas – “ A população indígena”** 3. Ed. Maceió: Edufal, 2015.

CASCUDO, Luis da Camara. **Conde D'eu**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

CASCUDO, Luiz da Camara. **Civilização e Cultura**. Rio de Janeiro: Globo, 2017.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. in: **São Paulo em Perspectiva** [online], São Paulo, vol. 15, nº 2, abril/junho, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200005>> Acesso em: 08/03/2021.

CENTRO de Educação Infantil realiza atividades alusivas a semana nacional do Folclore. Disponível em: <<https://www.penha.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/10881/codNoticia/442934>> Acesso em: 08/03/2021.

COMISSÃO NACIONAL DO FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador, 1995.

DELBEM, Danielle Conte. Folclore, Identidade e Cultura. In: **UNAR**, Araras, vol. 1, nº 1, pp. 19-25, 2007.

DIEGUÉS JÚNIOR, Manoel. **Etnias e Culturas no Brasil**, Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1977.

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. **O Banguê nas Alagoas**, Maceió Edufal, 1980.

DIÉGUES, Júnior, Manoel **O Banguê nas Alagoas**. Maceió Edufal 1980.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. in: **História**, São Paulo, vol. 30, nº 2, ago/dez 2011,

DUARTE, Abelardo. **Notas Sobre as Fortificações Holandesas em Alagoas**: In Rev. Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Maceió 1945/6 .

DUARTE, Aberlado. **Folclore Negro das Alagoas**: áreas da cana de açúcar, pesquisa e interpretação. 2º Ed. Maceió: EDUFAL, 2010.

FARO, Antônio José. **Pequena História da Dança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

FERNANDES, José Ricardo Oriá, Ensino de História e Diversidade Cultural. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n.67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação DorinaNowill para Cegos, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, PP.314-332.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 1978.

FREIRE, Paulo. **Dialogando com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Ivan Fernandes. **Ocupação Espacial do Estado de Alagoas**. Maceió/AL. 1992.

LIMA, José Roberto Santos. **Síntese da Ocupação Espacial do Estado de Alagoas**. In Relatório do projeto levantamento histórico dos municípios da área de abrangência do lago de Xingó (Piranhas, Olho d'água do Casado e Piranhas) Maceió UFAL/CHESF. 2000.

LINDOSO, Dirceu. **Formação da Alagoas Boreal**. Maceió: Catavento, 2000.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**, (Alagoas e Pernambuco) 3ª edição, Curitiba,

MONTEIRO, Paula. Cultura Popular na fabricação da cultura popular. In: **Revista Pesquisa, FAPESP**, São Paulo, nº 42, maio de 1999. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/1999/05/01/a-cultura-popular-na-fabricacao-da-identidade-nacional/>> Acesso em: 08/03/2021.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio**: um Guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

OLIVEN, Ruben Goerge. **Cultura e modernidade no Brasil**. in: São Paulo em Perspectiva [online], São Paulo, vol. 15, nº 2, abril/junho de 2001. disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200002>> Acesso em: 08/03/2021.

RIBAS, Tomás. **Que é o Ballet**. 3. ed. Lisboa: Colecção Arcádia, 1959.

ROCHA, José Maria Tenório. **Repensando o Folclore Nordestino** Verificando a sua Aplicabilidade na sala de aula, Maceió 1990 – Governo do Estado de Alagoas. Novos Tempos. Nova Vida. Secretária de Comunicação Social – SECOM.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALES, Francisco Alberto. **Arruando para o Forte**. Roteiro Sentimental da Cidade do Penedo (2003)

SBORQUIA, Silva Pavesi. **A dança do contexto da Educação Física**: os (des)encontros entre formação e a atuação profissional. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e Questão Racial no Brasil. in: **Revista USP**, São Paulo, nº 53, pp. 117-149. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>> Acesso em: 08/03/2021.

SILVA, Cláudio Antônio Santos da. **O Guerreiro Alagoano**: corpo e pedagogia multireferencial. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2005.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A Presença Holandesa**: A História da Guerra do Açúcar Vista por Alagoas. Douglas Apratto Tenório e Carmem Lucia Dantas, Maceió Sebrae/AL. 2016.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Identidade e Cultura Alagoana**: In Caderno de Debates do Conselho Estadual de Comunicação Maceió, Governo do Estado de Alagoas Nº 09, 2004.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

**ANEXO I – EDITAL FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL - FMAC,
CONCURSO Nº 009/2019/FMAC - PREMIAÇÃO DE PROJETOS PARA
RENOVAÇÃO DE FIGURINOS DE GRUPOS DE FOLGUEDOS, MACEIÓ, 2019.**

22/05/2020

Prefeitura Municipal de Maceió

**ESTADO DE ALAGOAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ**

**FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL - FMAC
RESULTADO FINAL DE SELEÇÃO E HOMOLOGAÇÃO**

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL – FMAC

A **FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL - FMAC**, no uso de suas atribuições legais, torna público o resultado final do Edital nº. 009/2019/FMAC - Concurso para Premiação de Projetos para renovação de figurino de grupos de folguedos 2019,

RESOLVE:

CAPÍTULO I – DO RESULTADO FINAL DE SELEÇÃO E HOMOLOGAÇÃO

Art. 1º - HOMOLOGO o resultado final da seleção e classificação das propostas apresentadas, em obediência Lei nº 8.666/93; ao **EDITAL DE CONCURSO Nº 009/2019/FMAC - PREMIAÇÃO DE PROJETOS PARA RENOVACÃO DE FIGURINO DE GRUPOS DE FOLGUEDOS 2019**; Processo nº. 1500.008776/2019, conforme tabela abaixo:

ITEM	CNPJ	PROPONENTE	LONGA-METRAGEM	NOTA	RESULTADO
01	09.721.418/0001-62	GRUPO FOLCLORICO GANGA ZUMBA	PASTORIL SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	10,0	SELECIONADO
02	29.308.735/0001-69	COLETIVO CULTURAL DOS GRUPOS DAS CULTURAS POPULARES ALAGOANAS - CULTURA E FORMACAO	TAIEIRAS ALAGOANAS	10,0	SELECIONADO
03	29.308.735/0001-69	COLETIVO CULTURAL DOS GRUPOS DAS CULTURAS POPULARES ALAGOANAS - CULTURA E FORMACAO	COCO DE RODA PISA MIUDINHO	9,0	SELECIONADO
04	29.308.735/0001-69	COLETIVO CULTURAL DOS GRUPOS DAS CULTURAS POPULARES ALAGOANAS - CULTURA E FORMACAO	FANDANGO DO PONTAL	9,0	SELECIONADO
05	29.308.735/0001-69	COLETIVO CULTURAL DOS GRUPOS DAS CULTURAS POPULARES ALAGOANAS - CULTURA E FORMACAO	COCO DE RODA RAÍZES NORDESTINAS	9,0	SELECIONADO
06	23.168.964/0001-49	MONIQUE DANIELE DOS SANTOS LOPES	GRUPO FOLCLÓRICO PASTORIL ESTRELA DE BELÉM	9,0	SELECIONADO
07	29.308.735/0001-69	COLETIVO CULTURAL DOS GRUPOS DAS CULTURAS POPULARES ALAGOANAS - CULTURA E FORMACAO	COCO DE RODA CATOLÉ	8,5	SELECIONADO
08	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	BAIANA "PEDRO TEXEIRA"	8,0	SELECIONADO
09	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO	7,0	SELECIONADO
10	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	GUERREIRO "PEDRO TEXEIRA"	6,5	SELECIONADO
11	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	PASTORIL "PEDRO TEXEIRA"	6,5	SELECIONADO
12	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	GUERREIRO MENSAGEIROS DE PADRE CÍCERO	6,5	SELECIONADO
13	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	PASTORIL ESTRELA DOURADA	6,5	SELECIONADO
14	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	MARACATU "PEDRO TEXEIRA"	6,0	SELECIONADO
15	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	BAIANA FLOR DO BAIRRO	6,0	SELECIONADO
16	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	TAIEIRA "PEDRO TEXEIRA"	6,0	SELECIONADO
17	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	CHEGANÇA SILVA JARDIM	5,5	SELECIONADO
18	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	COCO DE RODA "PEDRO TEXEIRA"	5,5	SELECIONADO
19	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	PASTORIL DE COQUEIRO SECO	5,5	SELECIONADO
20	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	BANDA DE COCO DE RODA "BARREIROS"	5,5	SELECIONADO
21	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	MARACATU "AXÉ ZUMBI"	5,0	CLASSIFICADO
22	01.316.881/0001-17	NUCLEO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA IYA-OGUNTE	AFOXÉ ODÓ IYÁ	5,0	CLASSIFICADO
23	07.298.503/0001-34	ASSOCIACAO BENEFICENTE SANTA LUCIA	BUSCANDO NA MÚSICA A FORMA DE PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL	5,0	CLASSIFICADO
24	12.621.710/0001-18	ASSOCIACAO DOS FOLGUEDOS POPULARES DE ALAGOAS	BANDA DE PIFANO "FLOR DO NORDESTE"	5,0	CLASSIFICADO

www.diariomunicipal.com.br/maceio/material/79213C93/03AGdBq24lhQQpNECZlbYEBky6WDDgx4pIAKxVhV_4-CEHyrcdkQxf9MR-3-M6b931_... 1/2

Fonte: Diário Oficial de Maceió. Disponível em: <<http://www.diariomunicipal.com.br/maceio>>. Acesso em:

08/03/2021.